

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ALEX SILVA DOS SANTOS

**VIVÊNCIAS DE UM ESTUDANTE COM VISÃO MONOCULAR EM UM  
CURSO VISUAL:**

a relevância das “imagens” na formação do Arte Educador

GOIÂNIA  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES  
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO  
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Alex Silva dos Santos

Título do trabalho: Vivências de um estudante com visão monocular em um curso visual: a relevância das "imagens" na formação do arte educador.

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

**Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 20:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alex Silva Dos Santos, Discente**, em 14/01/2026, às 08:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5775690** e o código CRC **A3C733EB**.

---

Referência: Processo nº 23070.058293/2025-52

SEI nº 5775690

ALEX SILVA DOS SANTOS

**VIVÊNCIAS DE UM ESTUDANTE COM VISÃO MONOCULAR EM UM  
CURSO VISUAL:**

a relevância das “imagens” na formação do Arte Educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.  
Orientadora: Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto

GOIÂNIA  
2025

## ficha catalográfica da biblioteca

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Alex Silva  
Vivências de um Estudante com Visão Monocular em um Curso Visual  
[Manuscrito]: a relevância das "imagens" na formação de Arte Educador / Alex  
Silva Santos. - 2025.  
LIX, 59 f.: 2025

Orientadora: Prof(a). Dra. Lilian Ucker Perotto  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.  
Bibliografia.  
Inclui: siglas.

1. Artes. 2. Visão Monocular. 3. Imagens. 4. Ensino.

I. Perotto, Lilian Ucker, orient. II. Título.

CDU 7

## ATA de Defesa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao oito dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Vivências de um estudante com visão monocular em um curso visual: a relevância das "imagens" na formação do arte educador", de autoria de Alex Silva dos Santos, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Ucker Perotto - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG) e prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,3 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2025, às 22:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 11/12/2025, às 08:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5775704** e o código CRC **F584E97F**.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente à minha família, minha mãe e meu pai por sempre acreditarem em mim e no que eu faço, e por todo apoio. Agradeço especialmente à minha irmã, Jessica Maria da Silva Martins Valerio; sem ela, nem entrado na faculdade eu teria conseguido. Foi a pessoa que sempre me apoiou em todas as adversidades durante a graduação.

Meu sincero obrigado à minha orientadora, Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto, sem ela esse trabalho não existiria.

Não poderia deixar de agradecer às minhas amigas, Julia, Bella, Suzane, Sophia, Giovanna, Maria Eduarda, Amanda e Nana, que fizeram minha graduação ser leve e divertida apesar de tudo.

Não poderia deixar de agradecer meus estimados professores da FAV: Profa. Dra. Alice Fátima Martins, pessoa que tenho imensa gratidão; Prof. Dr. Elinaldo Meira, além de meu professor, meu amigo; um abraço especial ao Prof. Dr. Luiz Olivieri, à Profa. Dra. Valéria Fabiane, à Profa. Dra. Carla Luzia e à Profa. Dra. Noeli Batista. À Profa. Angélica, que me ajudou muito nas aulas de desenhos; aprendi muito nessas aulas, acabou se tornando minha linha de pesquisa em arte animal.

Agradeço também a PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Goiás), por sempre ter me atendido tão bem.

Por fim, agradeço ao garoto que sempre gostou de filmes, animes, desenhos e de desenhar, ele sempre gostou de artes, idealizava estampar suas próprias roupas desde de pequeno com seus desenhos, mesmo sendo praticamente cego do olho direito, agradeço a ele por não ter desistido.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata-se de uma pesquisa autobiográfica que busca discutir aprendizados pessoais de um estudante com visão monocular em um curso predominante visual; vivências que impactam na formação docente no curso de Artes Visuais Licenciatura. O trabalho apresenta diferenças entre visão binocular e monocular, sua realidade, desafios e limitações, além do mais aponta soluções que constroem novas formas de entrever o mundo imagético em que estamos inseridos, usando essa limitação como potencialidade para construção de novas abordagens de aprendizado, além de apresentar vários tipos de imagens e sua relevância como ferramenta potencial de comunicação e formação de conhecimento na educação principalmente em artes. A trajetória aqui narrada revela que a docência nessa área não se apoia em um único e exclusivo método, porém, pela pluralidade de possíveis aprendizados que a graduação possibilita, mesmo sendo um estudante limitado visualmente. Os resultados desse estudo são capazes de prover colaborações na área das artes por englobarem elementos inéditos que podem auxiliar na formação de arte-educadores com algum grau de limitação visual; isso contribuirá para um entendimento maior dos elementos que tange o ensino de artes visuais.

**Palavras-chave:** Visão Monocular; Imagens; Formação Docente; Artes Visuais; Ensino.

## **ABSTRACT**

This Final Course Project (TCC) is an autobiographical research that seeks to discuss the personal learning experiences of a student with monocular vision in a predominantly visual course; experiences that impact teacher training in the Visual Arts Licentiate program. The work presents differences between binocular and monocular vision, their reality, challenges, and limitations, and also points out solutions that build new ways of perceiving the imagistic world in which we are immersed, using this limitation as a potential for constructing new learning approaches, in addition to presenting various types of images and their relevance as a potential tool for communication and knowledge formation in education, especially in the arts. The trajectory narrated here reveals that teaching in this area does not rely on a single and exclusive method, but rather on the plurality of possible learning opportunities that the degree program allows, even for a visually limited student. The results of this study are capable of providing collaborations in the field of arts by encompassing unprecedented elements that can assist in the training of art educators with some degree of visual limitation. This will contribute to a greater understanding of the elements involved in teaching visual arts.

**Keywords:** Monocular Vision; Images; Teacher Training; Visual Arts; Education.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - “Cá entre nós”, “polvo” .....	38
Foto 2 - Produções Artísticas I.....	41
Foto 2 - Produções Artísticas II.....	42
Foto 3 - Estampas.....	43
Foto 4 - Identidade Visual.....	44
Foto 5 - Na galeria.....	50
Foto 6 - Apresentação no Congresso de Arte e Educação Infantil Experiência Estética na Educação Infantil: Apreciação de Exposição Artística da Galeria de Arte.....	51

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Anatomia do olho.....	16
Figura 2 - Capa e tema da Iniciação Científica.....	48

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2</b>	<b>OLHAR, VER, ENXERGAR: ENTRE A VISÃO E O TRANSVER O MUNDO</b>	15
	2.1 SOBRE VISÃO MONOCULAR	16
	2.2 ALÉM DE ENXERGAR	19
<b>3</b>	<b>IMAGENS: DEFINIÇÃO, TIPOS, INTERPRETAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO E NO ENSINO DE ARTES VISUAIS</b>	22
	3.1 INTERPRETAR E ANALISAR IMAGEM	25
	3.2 OLHARTE: O VALOR DA IMAGEM NA SALA DE AULA	29
<b>4</b>	<b>VIVÊNCIAS COM BAIXA VISÃO, QUE IMPACTARAM DIRETAMENTE NA MINHA FORMAÇÃO</b>	36
	4.1 CÁ ENTRE NÓS	37
	4.2 INICIAÇÃO “ESCUITA” E A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA ARTÍSTICA NA FORMAÇÃO	47
	4.3 ARTE PEDAGOGIA RELATOS DO ESTÁGIO	50
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	54
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	56

## 1 INTRODUÇÃO

“Vemos com os olhos, mas não exclusivamente.”

*Olha o avião passando, consegue enxergar?*

*-Não, mãe, mas estou ouvindo-o, está muito alto e faz muito barulho.*

Quando eu era pequeno, tinha mania de sair à rua para ver os aviões passando. Lembro-me de que via uma pequena massa em formato de “T” no céu, mas eu escutava um barulho ensurdecedor vindo deles, imaginava como era aquilo: um negócio de ferro grande, com várias caixas de som. Foi somente aos quatro anos de idade que olhei a foto de um avião na televisão e entendi o que era aquilo. Antes de ver, eu o imaginava como ele seria; foi assim que começou minha trajetória com as imagens, a visão, a memória e a imaginação.

A formação docente é desafiadora, na graduação em Artes Visuais - Licenciatura não é diferente. Foi, é e continuará sendo um desafio, no entanto, ressalto que as vivências ao longo da graduação são únicas: cada estudante deve entrar no curso com esse pensamento, principalmente quando você tem uma limitação visual em uma área predominante visual.

Apesar de ser uma área rica em conhecimento, a limitação visual não vai te reprimir; pelo contrário, a possibilidade de adquirir novos significados e aprendizados é enorme quando falamos sobre ver, enxergar e olhar para os mais diversos tipos de imagens. Não diz respeito somente a função biológica, mas abre várias possibilidades: como escuta, toques, memórias, imaginação e a formulação de imagens mentais. Dentro da sua complexidade esses fatores constroem pontes trazendo a reflexão sobre a relevância das vivências nesse mesmo curso; ver, escutar e internalizar imagens revela todo o potencial que elas tem.

Ao longo da graduação, a visão limitada nunca foi um impedimento para realizar nenhuma atividade, embora tenha apresentado seus desafios. Em relação ao estudo de imagens, destaco que essa relação é diferente. A primeira questão é a percepção: quando era necessário analisar uma obra de arte, utilizava ferramentas com recursos de descrição em áudio. Esse recurso apresentava detalhes que eu não conseguia perceber sozinho, principalmente em obras complexas ou ricas em elementos visuais.

Outro ponto importante é que a imagem não se resume ao visual. Além da audição, o tato, a memória e a imaginação são igualmente relevantes para o estudo das imagens, tanto na parte teórica quanto nas manifestações artísticas. As imagens, de diferentes formas, também enriquece

nosso repertório e ampliam nossa maneira de compreender o mundo.

Pesquisar sobre a falta de visão em um curso essencialmente visual abriu novas formas de perceber potencialidades em outras áreas da arte, como a escrita, a gravura, a instalação, a curadoria, a fotografia e a pintura. O mais importante é que essa experiência está diretamente ligada à formação do arte-educador. Essas vivências contribuem para a construção de um professor que traz para suas aulas um olhar mais sensível em relação à inclusão e que apresenta aos estudantes novas formas de ver, compreender e colocar em prática diferentes possibilidades de explorar o mundo. O presente trabalho também reitera a grande relevância das imagens como elemento fundamental na formação do arte-educador.

Nos artigos “O ensino de Artes Visuais para estudantes cegos e com baixa visão: metodologias e estratégias de ensino” da autoria de Pawlina, Silva e Donato (2023), e “Desafios e Adaptações: Vivendo com Visão Monocular” Vieira (2024) discute-se assuntos centrais relacionados à deficiência visual e a educação dessas pessoas no ambiente de sala de aula com os desafios da visão monocular e baixa visão. Eles defendem inclusão e a acessibilidade reforçando que esses estudantes devem ter acesso a uma educação de qualidade e a relevância da formação adequada. Considero que tive uma formação completa, baseada em várias vivências que me fizeram tirar potencialidades de uma forma de ver limitada; dessa forma, sinto-me preparado para atender estudantes que têm a mesma ou parecida vivências, criando metodologias inclusivas. Durante a graduação, tive a experiência de trabalhar com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no meu estágio não obrigatório, o que me permitiu entender que arte e pedagogia caminham de mãos dadas.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as experiências formativas vividas durante o meu percurso da graduação em Artes Visuais, destacando os acontecimentos e processos que marcaram a constituição do arte-educador e influenciaram minha formação humana, artística e docente. Além disso, analiso como ocorre a formação de estudantes com limitação visual no curso de Licenciatura em Artes Visuais, e reflito sobre a relevância das imagens no processo formativo, considerando seus sentidos, usos e possibilidades pedagógicas. Para isso, trago as experiências mais relevantes da minha formação: a exposição/ocupação “Cá entre nós”, realizada em julho de 2022; a pesquisa intitulada “Audiovisual e construção de aprendizagens no curso de Artes Visuais (Licenciatura)”, desenvolvida durante a iniciação científica; e o estágio não obrigatório no Departamento de Educação Infantil da Universidade Federal de

Goiás. Além dessas vivências, apresento conceitos sobre o que é visão monocular, o que diferencia da visão binocular, bem como os desafios enfrentados durante a formação. Realizo também, um recorte sobre o estudo das imagens: investigando seus tipos, interpretando-as e analisá-las sob a perspectiva de uma condição visual específica. Afinal, essa experiência altera a forma de perceber as imagens? Por fim, discuto a relevância das imagens na formação docente, destacando-as como uma ponte pedagógica indispensável para o trabalho em sala de aula.

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é de natureza autobiográfica, inserida no campo das abordagens qualitativas (DELORY-MOMBERGER, 2012). A autora explica que o objeto da pesquisa biográfica “é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (2012, p. 524)

Diante disso, a escolha por esse posicionamento metodológico permite que eu seja o protagonista da minha própria história, trazendo reflexões a partir das percepções acumuladas nos diversos âmbitos da formação. Diversos fatores impactam essa construção, como os contextos familiar, emocional, social, cultural, educacional e físico; são inúmeras as camadas que compõem e fortalecem a metodologia autobiográfica. O trabalho Vivências de um estudante com visão monocular em um curso visual: a relevância das imagens na formação do Arte educador, destaca experiências reais de um estudante com baixa visão, tomando tais vivências como objeto integralizador indispensável, compreendendo que a construção de conhecimento nasce das vivências artísticas, pedagógicas, afetivas e inclusivas concebidas na graduação. A metodologia alinha-se diretamente à experiência própria, buscando entender alguns fatores recorrentes durante essas vivências principalmente se visão monocular é, de fato, algo limitador na área das visualidades e qual a importância das imagens na construção desse saber.

Os capítulos e sub tópicos deste trabalho de conclusão de curso estão organizados na seguinte estrutura.

O capítulo 2, intitulado “OLHAR, VER, ENXERGAR; ENTRE A VISÃO E O TRANSVER O MUNDO”, propõe discutir que, embora os olhos são o órgão responsável pela captação de imagens, a geração da imagem está associada ao cérebro, ver transcende as barreiras físicas, manifestando-se na construção de imagens pelos sentidos, memória, interpretação, vivências. Desse modo, ver, enxergar e olhar são coisas distintas apesar de estarem ligadas a visão, esse capítulo também apresenta a visão monocular mais

especificamente discutindo suas limitações, mas também como a adaptação pode gerar formas únicas e singulares de ver. Organizo articulações com a obra intitulada “Livro Sobre Nada” do escritor Manoel de Barros, que fala da necessidade dos artistas e arte educadores de transver o mundo, recriar significados. Faço uma comparação sobre como ressignifiquei minha própria visão e como, a partir dela, conseguir fazer uma graduação em um curso visual, tornando-me artista e, futuramente, professor de artes.

Logo em seguida, o capítulo 3, chamado “IMAGENS: DEFINIÇÃO, TIPOS, INTERPRETAÇÃO, CONSTRUÇÃO, DE SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE E NO ENSINO DE ARTES VISUAIS”, a relevância desse capítulo está na importância das imagens como objetos polissêmicos. Aponto que existem vários tipos de imagens consequentemente muitos significados surgem destaque imagens mentais, que se constitui por três etapas: ver, lembrar e imaginar. Apresento também, as diferenças que existem entre imagens físicas e dinâmicas, distinção importante para estabelecer a comunicação visual no ensino de artes.

Interpretar uma imagem é um exercício composto por várias singularidades, pois depende de múltiplos elementos. Destaco o repertório cultural do indivíduo como um dos principais fatores para essa atividade, uma vez que as imagens podem assumir diversos significados justamente por serem polissêmicas. Ressalto que, no contexto das aulas de arte, as imagens desempenham um papel fundamental no aprendizado e na construção do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento crítico e criativo dos estudantes. Elas são meios pedagógicos indispensáveis, especialmente quando se pensa em inclusão e acessibilidade para estudantes com deficiência (PcDs), principalmente em aulas de artes visuais. Desse modo, a utilização de imagens em sala de aula mostra-se essencial para promover conhecimentos e ampliar a formação dos estudantes. Este capítulo, portanto, tem como objetivo discutir os diversos tipos de imagem enquanto objetos que potencializam a aprendizagem nas aulas de arte.

No último capítulo da pesquisa, “VIVÊNCIAS COM BAIXA VISÃO, QUE IMPACTARAM DIRETAMENTE NA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE”, utilizo a metodologia autobiográfica para narrar vivências importantes na formação acadêmica em Artes Visuais Licenciatura tendo visão monocular, discuto as dificuldades e as potencialidades que permeia essa condição nesse percurso, apresento três vivências importantes para a minha formação docente. Todas elas trazem questões em comum, especialmente reflexão sobre como a limitação ocular poderia afetar minha trajetória; no entanto, compreendi que, nas artes, a

limitação pode ser justamente aquilo que nos diferencia. Aprendi que a visão é apenas um detalhe porque a arte, a produção artística e a formação docente vão muito além do ato de ver. Existem múltiplos caminhos e possibilidades de pesquisa para se tornar um arte-educador, e as disciplinas voltadas à produção artística foram muito importantes, pois foram nelas que pude compreender melhor o exercício da docência. Essas vivências transformaram o meu olhar, da mesma forma, o meu olhar transformou a minha atuação como arte-educador.

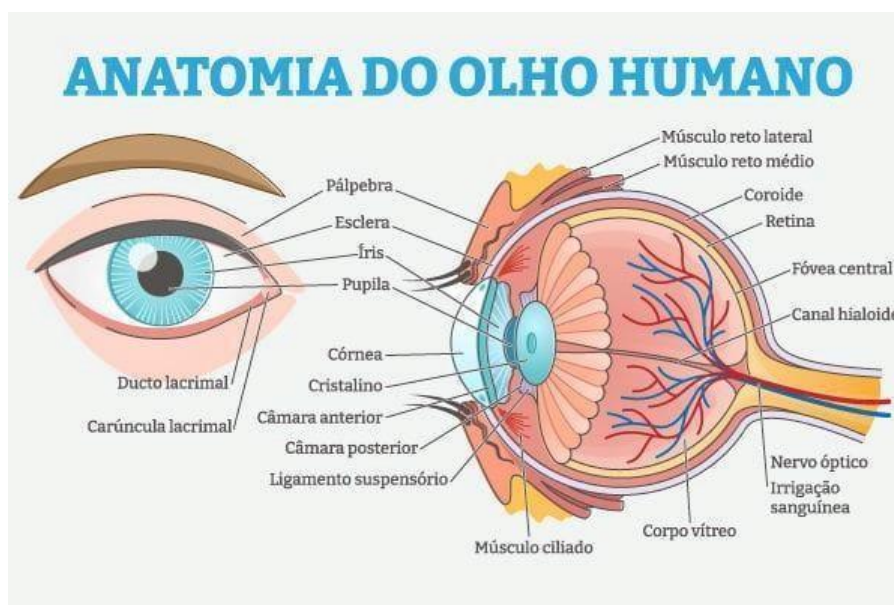
E por fim, nas considerações finais discuto se os objetivos do trabalho foram atingidos, a relevância de escrever sobre esse tema, respondendo à pergunta que motiva a pesquisa.

## 2 OLHAR, VER, ENXERGAR: ENTRE A VISÃO E O TRANSVER O MUNDO

Antes de falar sobre olhar, o ver, o enxergar é necessário falar sobre os olhos; afinal, este é o órgão onde essas ações acontecem. Responsável pela visão, o olho trabalha diretamente na captação de estímulos visuais para formação da imagem através do ato de ver/enxergar.

De acordo com o site toda matéria os olhos são muito complexos, passa por algumas etapas até chegar na formação da imagem. Sua anatomia é composta principalmente pela córnea, uma fina camada incolor que se localiza na frente do olho, pupila é a parte escura localizada no meio da íris que é a parte colorida do olho, adapta o tamanho da pupila dependendo se está em locais escuros (dilata) ou locais claros (contraí), lente está localizada atrás da pupila é responsável pelo foco, retina conjunto de células que fica no fundo do olho, responsável por detalhar as cores e o nervo óptico, sua função é levar as informações para o lobo occipital, área do cérebro responsável por processar as imagens<sup>1</sup>.

Figura 1 - Anatomia do olho



Fonte: Brasil Escola<sup>2</sup>.

Os olhos são importantes por serem responsáveis pela visão, mas de acordo com a oftalmologista Amaryllis Avakian, em entrevista ao Portal Drauzio Varella para uma matéria

<sup>1</sup> Disponível em: <https://share.google/W2F51i32GLGba7byy>. Acesso em: 15/08/2025

<sup>2</sup> Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/oscincosentidos/visao.htm> . Acesso em: 30/10/2025.

que discute olhos, visão e suas doenças, o órgão encarregado pela a formação de imagens não são os olhos, é o cérebro, é lá que tudo ganha propósito: nos olhos a luz é captada e se transforma em informações que são recebidas e traduzidas diretamente na formação da imagem através da retina; que tem células chamadas de fotorreceptoras, através dessas células ocorre a transmissão dessas informações, passando pelo nervo óptico até a região chamada lobo occipital que fica no cérebro, que por sua vez, processa as imagens que foram observadas, ou seja, olhar, ver e enxergar não é só perceber e captar imagens, é todo o processo de dar sentido aquilo que estamos vendo<sup>3</sup>.

Três palavras e muitas diferenças? Ver<sup>4</sup>, olhar<sup>5</sup> e enxergar<sup>6</sup> biologicamente pode-se dizer que se trata da função da visão: por mais que enxergar seja mais conectado ao ato físico da visão, olhar e ver vai um pouco mais além, vê se relaciona mais com o processo de interpretar aquilo que estou vendo ou seja se meus olhos estão captando algo através do ver, é necessário interpretar e compreender aquela imagem que estou vendo. Um exemplo, são as inúmeras obras da história da arte. Enxergo aquela obra, mas eu só a vejo quando entro no processo de interpretar e compreender aquela imagem observando, decifrando e analisando. Um processo único e exclusivo para cada pessoa, já no olhar, que se trata de guiar a visão juntamente com o ver, olhar se encaixa em vários níveis como um olhar mais crítico, sensível, emocional, afetivo e várias outras formas, se caracteriza mais pela a direção que você está vendo, olhar também se destaca pelas sua possibilidade de transformar o olhar, de acordo com suas vivências, experiências e conhecimentos adquiridos é bem capaz de mudar a forma de olhar determinadas situações.

Em virtude de tudo que foi apresentado, é certo afirmar que os olhos não são a única forma exclusiva de enxergar o mundo já que a formação de imagens acontece no cérebro, então é certo afirmar que através da escuta, do olfato, do tato, da percepção de algo vindo até você, dá sensação de algo tocando sua pele, podemos captar esses estímulos e gerar imagens na nossa mente, conhecidas como imagens mentais.

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://drauzioarella.uol.com.br/entrevistas-2/doencas-da-visao-entrevista/amp/?utm\\_source=chatgpt.com](https://drauzioarella.uol.com.br/entrevistas-2/doencas-da-visao-entrevista/amp/?utm_source=chatgpt.com).

Acesso em: 20/08/2025

<sup>4</sup> Captar a imagem de algo através da visão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ver/> . Acesso em 21/08/2025.

<sup>5</sup> Fitar os olhos em ficar cara a cara com alguém. Disponível em; <https://www.dicio.com.br/olhar/> . Acesso em 21/08/2025

<sup>6</sup> Perceber pelo uso da visão; ver o que está distante avistar, ver. Disponível em; <https://www.dicio.com.br/enxergar/> . Acesso em 21/08/2025.

## 2.1 SOBRE VISÃO MONOCULAR

No tópico anterior discuti a respeito dos olhos e a formação da imagem, apresentei o modelo com base na visão binocular que é enxergar com os dois olhos e ter uma visão completa, agora imagina enxergar com um olho e o outro ser limitado ou os dois olhos serem completamente cegos, pois como ressalta Soldera (2014):

Num primeiro momento, parece ser uma tarefa muito difícil, para não dizer impossível, imaginar que indivíduos cegos estabeleçam qualquer relação com imagens. Mas consideramos que, no cenário contemporâneo, parte significativa das informações que nos chegam diariamente são imagéticas, informações visuais de todos os tipos, veiculadas por diferentes mídias. Assim, não podemos ignorar o fato de que, de alguma maneira, os cegos também se relacionam com elas. Se eles vivem em um mundo oculocentrista, transitam entre imagens, estas fazem parte do seu dia a dia e, conseqüentemente, do seu repertório. Baseados apenas nesse argumento já podemos supor que sim, os cegos vivem imagens, percebem-nas, constroem significados a partir delas e também são tocados a produzi-las (SOLDERA, p.26, 2014).

Existem vários graus de deficiência visual. Neste tópico vou apresentar a visão monocular que se caracteriza pela perda completa ou parcial em um dos olhos, vinte por cento ou menos da capacidade de enxergar no olho cego, os motivos dela acontecer pode ser por diversos fatores, desde Ambliopia<sup>78</sup>, acidentes, diabetes, glaucoma dentre outras, a maior dificuldade sem dúvidas é a perda de noção de profundidade, diminuição do campo visual e perda da visão periférica. Esses fatores influenciam na dificuldade em realizar tarefas do dia a dia, por incrível que pareça subir escadas que não tem marcação gera dificuldades. Sem falar do cansaço que o olho saudável sente, pois ele precisa compensar o olho incapacitado lembrando que essa dor pode gerar dores de cabeça, depende do esforço gerado.

A Lei que tornou visão monocular como deficiência sensorial, do tipo visual, é a Lei Nº 14.126<sup>9</sup>, de 22 de março de 2021. Entrando em vigor desde que foi publicada, ou seja, é uma lei nova que ainda está em fase de amadurecimento.

Os impactos dessa lei na minha vida, foram bastantes positivos, principalmente por me assegurar direitos e benefícios que antes não tinha acesso, pensando na carreira docente aponto

---

<sup>7</sup> Chamada também de olho preguiçoso, se trata da baixa acuidade visual em um olho, causada pela falha de comunicação entre olho e cérebro, surge principalmente na infância e pode causar perda visual permanente sem tratamento. Disponível em: <https://www.americasoftalmocenter.com/conteudo/ambliopia/>. Acesso em: 8/08/2025.

<sup>9</sup> Fica a visão monocular classificada como deficiência sensorial, do tipo visual, para todos os efeitos legais. Disponível em: <https://share.google/oIbb7b7qzyunVOe1s>. Acesso em 16/08/2025.

as vagas destinadas a pessoas com visão monocular na realização de futuros concursos para minha área de formação pois justamente se tratar de uma lei federal reconhecida.

Já no âmbito pessoal assuntos como igualdade e inclusão social são bem relevantes, por ser uma pessoa com deficiência (PCD) e essa ser imperceptível para as pessoas ao meu redor por ser visual, com a lei Nº 14.126 assegurando essa condição como deficiência visual, não preciso mais fingir ser uma pessoa que tem a visão normal para me encaixar na sociedade que nem foi antes dessa lei existir.

Sendo uma pessoa com essa limitação desde criança, percebo desafios quando se trata da visão monocular. Na visão de Vieira (2024), seu artigo “Desafios e Adaptações: Vivendo com Visão Monocular”, aponta que um dos principais desafios é a falta de informações e pesquisas sobre a vida das pessoas com deficiência, pois, “sem dados precisos, é difícil desenvolver políticas eficazes e monitorar seu impacto”. Portanto, é crucial “investir em pesquisas que forneçam uma compreensão mais clara das barreiras enfrentadas por essas pessoas e das melhores práticas para superá-las”, Vieira, (2024), p.6.

Além disso, Vieira (2024) apresenta mais um desafio:

É a resistência cultural e institucional à mudança. Muitas vezes, as atitudes capacitistas estão profundamente enraizadas nas normas sociais e culturais, tornando difícil a implementação de mudanças”. Para superar essa resistência, é necessário um esforço contínuo de educação e sensibilização, bem como o envolvimento de líderes comunitários e influenciadores na promoção de uma cultura de inclusão (VIEIRA, 2024, p.6).

Vieira (2024), também aponta em sua pesquisa políticas públicas que foram sucedidas nessa concepção:

Na educação, escolas que adotaram práticas inclusivas têm demonstrado que todos os alunos se beneficiam de um ambiente de aprendizagem diversificado. A inclusão de estudantes com deficiência em salas de aula regulares, com os apoios necessários, não apenas melhora os resultados educacionais para esses alunos, mas também promove a empatia e a compreensão entre todos os estudantes (VIEIRA, 2024, p. 7).

É necessário estar atento às políticas que envolvem essa área, por ser uma lei de 2021 percebo que ainda estamos engatinhando em relação a visão monocular ser tratada como limitação visual grave que e.

Trazendo para minha realidade considero como ponto “positivo” a adaptação, quando se fala de adaptação está conectado ao tempo, quanto mais tempo tiver para se adaptar a algo, mais adaptável você se torna.

Um dos maiores problemas é enxergar em profundidade, mas com o tempo seu cérebro associa através das vivências adquiridas novas formas de perceber esses detalhes, outro ponto é a visão periférica, com a perda do campo de visão é necessário adaptar a própria cabeça fazendo movimentos para escanear o ambiente em volta, prestar atenção nos sons a sua volta, com o tempo o cérebro se adapta e cria novas formas de ver o mundo.

Meu organismo foi se adaptando a esses modos de ver, o mais importante é desenvolver outras formas de enxergar, a utilização de outros sentidos para compensar a limitação do outro, destaco a audição “escuta” sempre em primeiro lugar, para me localizar em diversas situações, não é fora da realidade falar que meus ouvidos se tornaram meu segundo olho, o olfato e o tato também são de grande relevância nessa construção imagética.

## 2.2 ALÉM DE ENXERGAR

Já apresentei anteriormente que a visão não é a única e exclusiva forma de ver o mundo:

Sabemos que as imagens captadas pela visão representam apenas um tipo, uma parcela do repertório imagético de cada um. Uma mesma cena dada a ver ao mesmo tempo por várias pessoas não é vista da mesma forma por duas delas. Por essa razão não é possível pensar que sejam restritos os modos de ver, perceber, construir e relacionar-se com elas (SOLDERA, 2014, p.39).

É importante ressaltar os outros sentidos para a construção e formação de imagens no nosso repertório principalmente quando discutimos questões sobre acessibilidade e inclusão, não se limitando a uma única e exclusiva forma de ver, como destaca Soldera (2014), não existem mídias puramente visuais, ou seja, não apenas vemos uma imagem, como também podemos percebê-la pela audição, olfato, paladar, tato, e ainda por nossas memórias, os registros pessoais de contatos e experiências anteriores, (Soldera, p.29).

É sempre necessário ir além do ato de enxergar. Nem tudo o que você vê será percebido da mesma forma por outras pessoas. No livro: *Livro sobre Nada*, de Manoel de Barros, o autor apresenta um exemplo muito relevante sobre esse tema. Separei o seguinte trecho:

[..] “A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades

Fazer cavalo verde, por exemplo” [...] (p.75).

A primeira parte do poema “A expressão reta não sonha, não use o traço acostumado” aqui Manoel está falando de processos artísticos, entre arte e artista, o artista não deve se limitar às coisas óbvias da arte e sim fugir dessa forma tão tradicional e comum da arte, explorar novos conceitos e ideias, igual a pessoa que tem limitações visuais, explorar os outros sentidos se adaptar e enriquecer seu repertório e fugir das limitações.

Seguindo o poema, o trecho “a força de um artista vem das suas derrotas. Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro” é bastante autoexplicativo. O que impulsiona um artista são justamente os seus erros, o erro é didático e colabora para o aprendizado. Trazendo essa ideia para a área visual, a forma como vemos uma imagem e não percebemos tudo o que ela tem a mostrar não deve ser entendida como uma derrota, mas como um convite para rever nossas tentativas e alcançar novas conclusões. Ao olhar para a própria trajetória, compreendo que tudo aquilo que construí ao longo das vivências é, em essência, o artefato que constitui o arte-educador.

Os próximos versos foram essenciais para fazer esse diálogo entre ver, arte e docência “Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”. Conforme Soldera (2024), “é importante frisar que o 'transver' construído pelo nós traz possibilidades para pensar o ver, e não conclusões ou afirmações finalizadas ou fixas. Não devemos considerá-lo como única forma. Ao contrário, há sempre espaço para novos olhares” (Soldera, p. 20).

Arte não se limita a pensar sobre ela ou está ligada somente a coisas visuais e racionais, nesse trecho o autor afirma que é necessário transver tudo a sua volta, enxergar é o ato de ver, rever se traduz mais o fato de recordar está associado a memória e transver é pegar tudo que você conhece e tudo o que você produz, não só catalogar e sim recriar, dar novos sentidos. Essa

é a função do arte-educador, e tendo a visão limitada, eu não devo só pegar a forma que eu enxergo fisicamente e me limitar somente aquilo é necessário ressignificar esse modo de ver, através dele colocar coisas novas no mundo usando a docência, produção artística e minha própria identidade.

“Os artistas deformam. É preciso desformar o mundo” aqui entra a pluralidade dos artistas de não só repetir e aceitar as coisas como elas são naturalmente, a visão limitada está comigo naturalmente desde a infância, mas quando entendi que era necessário “desformar” e desconstruir aquela visão para poder ver algo novo, ir além da forma natural limitada, entendi a importância de construir coisas novas.

Como arte-educador em formação, estou sempre explorando novas possibilidades. Ao longo dos percursos, busco observar cada pequena interação, cada cena captada pelos olhos. Quantas cenas somos capazes de registrar em apenas um dia? E imagine quantas são vividas ao longo de toda uma graduação.

As imagens que mais contribuem para minha formação docente são as mentais. Para Jolly (2007):

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, a impressão de o ver quase como se lá estivéssemos. Uma representação mental é elaborada de um modo quase alucinatório e parece pedir emprestadas as suas características à visão (MARTINE, 2007, p.20).

Por apreciar esse processo de formação, compreendo que as imagens mentais são construídas a partir das vivências e de um conjunto de informações, precisam ser “transvertidas” para gerar ideias ou algo novo. A novidade não surge de algo totalmente novo, mas de algo que já existe, permitindo assim construir e seguir novos caminhos.

### **3 IMAGENS: DEFINIÇÃO, TIPOS, INTERPRETAÇÃO, CONSTRUÇÃO, DE SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO DOCENTE E NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Quando fechamos nossos olhos e lembramos de algum acontecimento nas nossas vidas, viagens, momentos especiais com a família, reencontro com amigos queridos, primeiros desenhos ou aquelas aulas marcantes no ensino médio, todos esses processos de formação de imagens são chamados de imagens mentais que se caracteriza por ser representações pessoais formuladas na própria mente do indivíduo uma experiência cognitiva.

Como explicado nos tópicos anteriores, a imagem está longe de ser apenas algo físico. Ela está diretamente associada à memória, e a formação de imagens mentais, conectada ao ato de lembrar acontecimentos.

A imagem pode ser compreendida como o conjunto de tudo o que percebemos visualmente, sendo os olhos responsáveis por coletar e traduzir essas informações. Para Jolly (2007):

O ponto comum entre as diferentes significações da palavra imagem (imagens visuais/ imagens mentais / imagens virtuais) parece claramente ser, antes de mais, o da analogia. Material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma imagem é antes de mais algo que se assemelha a qualquer outra coisa (MARTINE, 2007 p. 42).

Lembrança e memória formam imagens do que já vivenciamos, no livro "Modos de Ver" de John Berger, fica evidente que nossos modos de ver são completamente afetados pelas nossas ideias, estilo de vida, formações sociais e políticas. Segundo Soldera (2014):

Onde e o modo como vemos as imagens está ligado com o marco cultural. Modos de ver revela como nossos modos de ver interferem na nossa maneira de interpretar. A forma de ver de acordo com as argumentações de Berger definem a significação da imagem. Cada indivíduo vê a partir de seu lugar histórico, ideológico, psicológico e/ou culturalmente determinado, e esse lugar interfere a interpretação. A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos saber a respeito delas. Para Berger ver é um ato de escolha. Olhar buscando algo é o oposto de ver. (SOLDERA, 2014, p. 30).

A formação docente se estrutura com base nas vivências, é fundamental pensar que sua história irá colidir com a dos estudantes, mas imaginar é relevante, foi uma das habilidades que mais me apoiou na graduação, considerando que serei o professor reflexo da minha graduação, imaginar está firmemente relacionado as imagens mentais, exemplo de imaginação é a própria

produção artística, essa tríade é muito relevante quando o assunto é formação docente na área visual ver, lembrar e imaginar.

Imagem pode ser estática ou dinâmica, imagens estáticas são aquelas que são fixas, paradas em sua composição as que mais se destaca são fotografias, pinturas e ilustrações já as imagens dinâmicas são aquelas que são opostas que tem movimento em sua estrutura exemplos dessas são vídeos, animação e gif dentre outras, mas para ser imagem não ter que ser só estática? Não, imagens dinâmicas são sequências de imagens fixas o que torna elas diferentes é a sequencialidade afetando a percepção do observador.

Esses são alguns tipos de imagens fixas: a fotografia, que registra imagens por meio da luz; o desenho, uma representação gráfica normalmente feita em papel para transmitir ideias; o desenho técnico, uma forma mais detalhada de representação muito usada na arquitetura e na engenharia para compartilhar informações precisas, especialmente em construções; a pintura, que consiste na aplicação de pigmentos coloridos em superfícies como papel, telas ou paredes, sendo amplamente utilizada nas artes visuais e na decoração; a gravura, que permite reproduzir uma imagem a partir de uma matriz; o mapa, que representa graficamente uma área de forma visual; o gráfico, que apresenta informações numéricas de maneira visual para facilitar a compreensão; o infográfico, que combina elementos gráficos e textos com o objetivo de simplificar temas complexos; o diagrama, que oferece uma representação visual resumida de uma estrutura ou processo; a tabela, que organiza informações em linhas e colunas para facilitar o entendimento; as ilustrações científicas, utilizadas na área da ciência para representar pesquisas e descobertas de forma clara e precisa; o cartoon, que faz uso do humor e da crítica para satirizar situações cotidianas da sociedade, destacando-se por seu caráter atemporal; a charge, uma ilustração de cunho jornalístico que aborda temas atuais com humor; a história em quadrinhos, que combina textos e desenhos para narrar uma história; e as estampas, compostas por símbolos aplicados em tecidos para personalização e atribuição de significados. Ao ler sobre esses diferentes tipos de imagens, nossa mente naturalmente evoca lembranças e representações visuais desses exemplos, por meio da memória.

As imagens dinâmicas são aquelas que apresentam movimento e transformação ao longo do tempo. Entre elas, destacam-se os vídeos, formados por uma sucessão de imagens em movimento que capturam, armazenam e apresentam informações de forma dinâmica; os filmes, que são uma forma audiovisual de comunicação semelhante ao vídeo, porém mais elaborada, envolvendo aspectos como fotografia, direção de arte e trilha sonora; o GIF (*Graphical*

*Interchange Format* – Formato de Intercâmbio Gráfico), que se assemelha a vídeos, mas é composto por imagens animadas de curta duração; a animação, que resulta da junção de imagens estáticas exibidas rapidamente para criar a ilusão de movimento; a realidade aumentada, que proporciona uma experiência imersiva ao combinar elementos visuais e sonoros virtuais com o mundo real; os videogames, que são atividades eletrônicas interativas nas quais o jogador se envolve em um ambiente virtual por meio de consoles ou computadores; e a simulação virtual, que consiste na criação de ambientes digitais utilizados para testar ideias e experiências antes de aplicá-las no mundo real.

Diante dessa variedade de imagens, na visão de Jolly (2007):

No domínio da arte, com efeito, a noção de imagem está ligada essencialmente à representação visual: frescos e pinturas mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e mesmo imagens compostas. A estuária é mais raramente considerada como imagem (MARTINE, 2007, p. 19).

Existem vários exemplos do que seria imagens mentais quando lembramos de uma música, ou do rosto de pessoas queridas, de um dia marcante como viagem, sair com pessoas queridas, aniversários na hora dos parabéns, paisagens que te marcou, esse tipo de imagem é construído por processos cognitivos na nossa mente: “Muitas vezes, as figuras e imagens visuais são gatilhos, funcionam como uma espécie de catapulta para a elaboração das imagens mentais que darão sentido às representações, que produzirão significado”, (Soldera, 2014, p. 38).

Outra forma de gerar imagens mentais é através da leitura, para realizar uma obra audiovisual inspirada em um livro é necessário que os diretores do projeto façam o exercício de ler e pensar como traduzir as informações presentes no texto no contexto audiovisual. Vale ressaltar que nem todas as imagens precisam de texto para que possamos entender o que ela está transmitindo, o contexto que ela está inserida gera interpretações próprias na pessoa com base nos seus conhecimentos já estabelecidos.

### 3.1 INTERPRETAR E ANALISAR IMAGEM

Em virtude do que já foi mencionado, de acordo com Manguel (2001) não é precipitado afirmar que as imagens operam como uma linguagem de comunicação, afinal, “as imagens, assim como as histórias, nos informam” (Manguel, 2001, p. 21). Para interpretar e analisar uma imagem é necessário estabelecer algumas condições semelhante ao texto ou propriamente a língua falada, de acordo com Vicente (2008) “as imagens as possuem dois espaços determinantes para a sua percepção: o olhar de quem a produz, ou do autor, e o outro de quem a recebe”, (Vicente, 2008, p.147).

Já na perspectiva de Jolly (2007):

A análise da imagem (incluindo a imagem artística) pode, entretanto, preencher funções diferentes e tão variadas como proporcionar prazer ao analista, aumentar os seus conhecimentos, instruir, permitir a leitura ou conceber mais eficazmente mensagens visuais (MARTINE, 2007, p. 5).

Um dos aprendizados mais relevantes que adquiri nesta formação foi a educação visual, ver, produzir imagens, compreender e interpretar, fazer esses exercícios de forma crítica buscando sempre entender da forma mais consciente possível.

Também pensar nas imagens de forma abrangente e entender quais as funções sociais, política e cultural, está atento na criação de imagens com propostas pedagógicas e ter sensibilidade no olhar, a relevância desses elementos são imprescindíveis para a comunicação, já que a educação só pelo texto não é suficiente.

Ler um texto sobre determinadas imagens, na maioria das vezes, não causa o mesmo impacto que observar a própria imagem.

Durante a graduação, ficou evidente que o texto é, sim, muito importante, mas a educação visual é igualmente essencial. Essa questão é amplamente trabalhada em cursos voltados para a imagem, como a própria licenciatura em Artes Visuais. Manguel (2001) deixa claro em sua obra como as imagens estão profundamente presentes na vida humana:

Estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos: imagens que criamos e imagens que emolduramos; imagens que compomos fisicamente, à mão, e imagens que se formam espontaneamente na imaginação; imagens de rostos, árvores, prédios, nuvens, paisagens, instrumentos, água, fogo, e imagens daquelas imagens - pintadas, esculpidas, encenadas, fotografadas, impressas, filmadas. Quer descubramos nessas imagens circundantes lembranças desbotadas de uma beleza que, em outros tempos, foi nossa (como sugeriu Platão), quer elas exijam de nós uma interpretação nova e original, por meio de todas as possibilidades que nossa linguagem tenha a oferecer (como Salomão intuiu), somos essencialmente criaturas de imagens, de figuras (MANGUEL, 2001, p.20 ).

“Formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço” (Manguel, 2001, p.24), com essa afirmação do autor é possível refletir que em uma sociedade onde a transmissão de imagens é muito rápida não é equívoco falar que maioria das informações que

circulam estão em formato de imagens, graças ao grande bombardeamento dessas informações, conforme dito por Soldera (2014):

Vivemos em um mundo saturado por imagens. Para onde quer que olhemos, nos deparamos com elas em variados formatos, origens, produzidas por diferentes mídias. Somos levados a crer, muitas vezes, que, sem imagens, não temos como nos relacionar com o mundo e as pessoas à nossa volta (SOLDERA, 2014, p. 31).

A internet se tornou um espaço aberto a diversos tipos de narrativas. É difícil compreender completamente o significado de uma imagem, pois é necessário desenvolver certas “habilidades” relacionadas à linguagem visual. Essas habilidades são adquiridas por meio das vivências únicas e pessoais de cada indivíduo.

No entanto, em uma graduação voltada para as artes visuais, o olhar é educado diariamente qualquer imagem pode ser vista como um quadro repleto de significados.

Quando um indivíduo, com sua bagagem cultural, observa uma imagem, ele tenta compreendê-la a partir do próprio repertório, e esse é um dos fatores cruciais para interpretá-la e analisá-la. A partir disso, o sentido é construído de forma individual. Cada pessoa possui uma bagagem diferente da outra; o que é nítido e faz sentido para alguém pode não fazer para mim. Podemos ver e entender coisas completamente distintas.

O sentido final é sempre uma experiência única para cada observador, e esse exercício está diretamente relacionado ao fato de as imagens serem polissêmicas, ou seja, abertas a múltiplas interpretações. Para Mitchell (1996):

A ideia de que as imagens têm um poder social ou psicológico próprio é, de fato, o clichê reinante nos estudos contemporâneos em cultura visual. A alegação que vivemos em uma sociedade do espetáculo, vigilância e simulacro não é uma mera intuição da crítica cultural. Mesmo um ícone do esporte e da propaganda como André Agassi pode afirmar que “imagem é tudo” e ser compreendido como alguém que fala não apenas a respeito das imagens, mas pelas imagens, como alguém que é, ele próprio, “nada mais do que uma imagem”. (MITCHELL, 1997, p. 169).

Alguém que fala não apenas a respeito das imagens, mas pelas imagens, como alguém que é, ele próprio, “nada mais do que uma imagem

Imagens têm características muito diferentes umas das outras, primeira coisa se perceber é visualidade, imagem comunica, esses elementos visuais são: forma, cor, sombra, luz, elementos que juntos constrói composições, textura é relevante também. A síntese discute mais sobre junção, uma única imagem consegue aglomerar quantidades enormes de informações, desse modo consegue ser tão eficiente quanto o texto em algumas situações para comunicação.

Semiótica<sup>10</sup> discute que tanto texto escrito e imagem são conjuntos de signos<sup>10</sup> que comunica, o primeiro por signos linguísticos e outro por signos visuais, de acordo com Vicente (2008), “A análise da imagem pressupõe escolhas a serem feitas, as quais acarretam qual o melhor método a ser aplicado”, (Vicente, 2008, p.157). quando falamos de imagens.

Algumas imagens têm um fator chamado imediaticidade<sup>11</sup> impactante<sup>12</sup>, que em alguns casos comunica mais rápido com expectador, levaria grandes quantidades de palavras para traduzir essas informações imediatas, alguns casos imagem pode sim ser mais eficiente que o texto para comunicação.

Existem também imagens não verbais essas transmitem informações sem o uso de fala ou de textos, a comunicação vem em formas de elementos visuais como cores, formas, gestos, símbolos, ícones, sinais, expressões faciais, dentre outros, uma placa com um cigarro, um círculo vermelho e uma lista na horizontal cortando ela, nem precisa de legenda para entender que é proibido fumar, esses estilos de imagens favorece a comunicação verbal e desfavorece a linguagem verbal quando ela não é possível, sua função é tornar a comunicação mais clara, rápida e objetiva, esse tipo de imagem transmite informações universais que supera os muros linguísticos, água é um excelente exemplo.

Uma das características das imagens é tentar descobrir o que ela está buscando comunicar com quem está olhando, as vezes não e a intenção do autor às vezes sim, como afirma Vicente (2008):

Outra forma de abordar o fenômeno da representação das imagens é o de verificar as intenções do produtor ou do autor ao elaborar um quadro, uma fotografia, ou produzir imagens em um filme. Seria, num primeiro momento, tratar da ideologia, ou ideologias que levaram o autor a produzir a imagem (VICENTE, 2008, p.155).

Outra característica importante da imagem é o fato de ser polissêmica. Como afirma Almeida (2019), “a noção de imagem é polissêmica”. Isso significa que uma simples imagem pode permitir uma enorme quantidade de interpretações. Vicente (2008) complementa essa ideia ao afirmar que “o caráter polissêmico das imagens visuais e audiovisuais confere ao

---

<sup>10</sup> Disponível em: [Semiótica: o que é, para que serve, origem, resumo - Brasil Escola](#). Acesso em: 30 out. 2025.

<sup>10</sup> É a representação, ou as representações, de algo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/semiotica/> Acesso em: 25/10/2025.

<sup>11</sup> Imediaticidade é uma palavra derivada da imediatice. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/imediaticidade/> Acesso em 25/10/2025.

<sup>12</sup> Que dá origem ou motiva impacto, impressionante. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/impactante/>. Acesso em 25/10/2025.

analista o estatuto de autor de novas interpretações” (VICENTE, 2008, p. 155). As imagens não são fechadas em um único sentido: tudo depende de onde e como são vistas. Elas podem estar presentes em exposições de arte, museus, faculdades, jornais, televisões, casas, cidades, viagens, salas de aula, entre tantos outros espaços. O contexto em que a imagem é apresentada dialoga diretamente com o observador, estabelecendo sua relevância cultural, que se refere à importância que ela assume dentro de uma determinada sociedade. Cada região possui características próprias; assim, uma imagem pode ter um significado em uma localidade e um sentido completamente diferente em outra. A experiência visual de quem observa está relacionada ao seu repertório e às suas vivências, de modo que o sentido final atribuído à imagem se constrói a partir dos conhecimentos e experiências prévias que cada indivíduo possui.

E uma das características das imagens mais pertinente é a imediaticidade, como citado anteriormente, são informações que quando observadas elas são diretas sem necessidade de muita interpretação. Existem processos sobre percepção das imagens causando reações rápidas processuais emocionais e cognitivas, está muito associada a emoções positivas ou negativas essas imagens provocar sensações diretas aos sentidos visão, audição, tato e olfato depende da experiência de quem observa agindo como estímulos multissensoriais.

Quando olhamos(ver) fotografias (imagem) de viagens (lembrança), estamos nos alimentando, estamos em um show, segurando algum objeto ou olhando uma paisagem, essas imagens nos levam para aquele lugar, através da imagem, lembramos da música no show, do sabor da comida, o peso do objeto e a vista que observarmos, acontece reações emocionais imediatas.

Analisar uma imagem não é apenas enxergar ela como ela existe, de acordo com Vicente (2008) “A quantidade e qualidade da informação presente em um registro imagético como pressuposto de análise, implica na aferição do conceito de informação”, (Vicente, 2008, p. 154). Imagens não são neutras, elas são polissêmicas. Esse exercício é importante para pensar e refletir sobre questões do mundo visual e criticá-las também, ressalta a relevância da educação visual na formação e conseqüentemente impacta na docência quando estiver lecionando.

Quando estiver lecionando, é importante olhar além, transver as imagens e criar novas representações de modo consciente, reflexivo e crítico, sem esquecer, entretanto, que todos os tipos de imagens possuem uma função. Para Jolly (2007):

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação. Quer ela seja expressiva ou

comunicativa, podemos admitir que uma imagem constitui sempre uma mensagem para o outro, mesmo quando este outro é o próprio autor da mensagem (MARTINE, 2007, p. 61).

### 3.2 OLHARTE: O VALOR DA IMAGEM NA SALA DE AULA

As imagens estão completamente inseridas no contexto educativo, especialmente na disciplina de Artes Visuais. Nas aulas de artes, sobretudo visuais, seu uso é indispensável. De acordo com Cabral (2018):

Entretanto, hoje, em tempos de mudanças conceituais e metodológicas trazidas pelos estudos culturais, o ensino de arte articula-se com a compreensão de que a multiplicidade de interpretações e representações visuais é moldada por práticas subjetivas e por formas culturais de/do olhar que as constituem. Esta multiplicidade gera visualidades que se conectam para a produção de mundos. Assim, ir além da leitura formalista das imagens tornou-se uma necessidade educativa (CABRAL, 2018, p. 1041).

As imagens são pontes, um recurso educativo que compartilha conhecimentos sobre assuntos pedagógicos que serão tratados em sala de aula. Conforme Silva (2017) “Ler a imagem de arte, portanto, requer um olhar sensível que mostre a possibilidade do conhecimento a partir dela, a fim de que o sujeito leitor seja o agente mediador que trabalha a arte e constrói esse saber”, (Silva, 2017, p. 5).

Além de ampliar a percepção dos alunos de maneira abrangente em várias situações facilitando no desenvolvimento de planos de aulas e na construção de conhecimento dos estudantes. A linguagem visual é uma das primeiras formas que encontramos para entender nós mesmos e comunicar com o mundo, na educação infantil isso é bem nítido, antes da alfabetização vem as expressões visuais como o desenho que atua como prática e como linguagem.

A aplicabilidade da imagem na educação se trata por vários processos, um deles é a leitura de tudo ligado a arte, não só as obras de arte, que segundo autores, “Podemos perceber que trazendo a experiência cotidiana para a sala de aula favorecemos uma educação para a compreensão visual contemporânea. Essa alfabetização visual busca despertar o olhar investigativo e sensível sobre a cultura de nossa época e também de outras” (Silva, 2008 p.7), para que isso seja impactante na construção de aprendizados, é inconcebível pensar uma aula de artes sem a utilização do recurso de imagens, a primeira condição para o estudante entender a realidade da aula que está inserido são imagens, ação essa entrelaçada com habilidades de

processar informações a sua volta que chegam ao cérebro pelos sentidos, de acordo com Soldera (2014), “O campo de estudos da cultura visual oferece muitos caminhos para a reflexão sobre os modos de ver e entender que a percepção das informações visuais não se bastam no sentido da visão”, (Soldera, 2014, p. 126), destaque para visão e escuta, formação das imagens mentais em contexto educativo se vem pelo ato de enxergar, escutar, sentir e tocar essas ações serão processadas e chegaram em informações que serão traduzidas na mente do estudante, esse processo acontece a todo momento.

Quando ministramos aulas de artes sobretudo visuais a comunicação visual é uma das formas mais eficientes para estabelecer conexão entre discente e docente, no entanto algumas vezes é pouca utilizada e optam a centralidade do texto para as trocas de informações e aprendizados:

O ensino de Arte deve estar sempre em busca de novas práticas escolares, o que implica em estudos mais aprofundados e históricos da Cultura Visual, da estética e principalmente da poética; deve buscar contribuir para a ampliação da visão sobre o fazer artístico dos educandos, criando possibilidades para eles como sujeitos do aprendizado, para que assim, passem por essa experiência – a do Ensino de Arte (SILVA, 2008, p.5).

Durante a graduação diante de todas as vivências usar imagens como apoio à memória, essa estratégia ajuda a fixar informações e conhecimentos, à longo prazo essa habilidade se torna muito útil para aprender determinados conteúdos, em alguns casos é mais fácil de aprender que informações textuais isoladas, organização imagética ajuda a buscar soluções para aquele momento específico, um exemplo claro é apresentar um seminário usando slides com pouca informação textual, com mais estímulos visuais olhando para elas irá se lembrar exatamente do quem tem que falar.

Sempre é discutido que aulas de artes a utilização de imagens ajudam no processo de desenvolvimento cognitivo dos estudantes, nas disciplinas de artes por ter em sua composição marcada pela pluralidade de conteúdos, para Silva (2017) e Silva (2008), “Arte na escola é aberta a múltiplas possibilidades, configurando-se como campo de sentido, desenvolvendo não só aspectos artísticos, estéticos e culturais, mas, uma modalidade de pensamento”, (SILVA, 2008, p.6), visando formar um olhar mais crítico nos estudantes, traçando várias linhas dos tempos sobre inúmeras formações culturais, históricos de vários momentos e contextos a respeito da disciplina arte para ajudar a desenvolver essa percepção pois apresenta uma interdisciplinaridade interessante.

O estudante pode formar conhecimentos juntando aprendizados de duas ou mais disciplinas, por exemplo arte e história ampliando também estímulos sobre criatividade proveniente dessa junção de conhecimento consequentemente o estudante tem uma educação visual satisfatória que trabalha no processo de olhar mais criticamente desenvolvendo questionamentos e reflexões pertinentes já que esse exercício se estende para além da sala de aula com o acesso às redes sociais segue sendo a principal nesse contexto.

O processo cognitivo acontece em etapas distintas e interligadas, porém pra acontecer em sua total complexidade é necessário entender alguns elementos, existem vários tipos de imagem que podem ser trabalhadas em sala de aula, no momento que o aluno ver esses vários tipos de imagem se é uma imagem estática, dinâmica, colorida etc ele associa o que está observando com as informações já estabelecidas, nesse processo acontece o relacionamento do que está enxergando com o que já enxergou, através desse exercício aprende coisas novas.

Imagens desempenham um papel fundamental no processo de ensino e aprendizado em aulas de artes visuais, mas o professor tem que saber bem como escolher imagens para ministrar em sala de aula nessa perspectiva, como descrito por Capel (2023), Fernandes (2023) e Machado (2023) no livro Interpretar Imagens: Desafios para o(a) Professor(a):

Para facilitar a tarefa, imaginamos um roteiro dividido em seis etapas, o que não exclui outras possibilidades de trabalho, mas que pode servir como inspiração aos(às) professores(as) que se lançam a essa instigante tarefa: OBSERVAR: Etapa de observação inicial e escrita de percepção, PROBLEMATIZAR: Anotação de questões problemas, INVESTIGAR: Investigação das questões problemas COMO FOI PRODUZIDA? Exame de elementos de produção da imagem, COMO CIRCULOU E FOI RECEBIDA? Análise de dados de circulação e recepção da imagem, COMO SE RELACIONA COM OUTRAS IMAGENS? Diálogo com outras obras (CAPEL et al, 2023, p.11).

Nota-se a preocupação dos autores em contemplar cada área da interpretação da imagem para uma análise completa, contribuir abertamente na experiência em lecionar assuntos sobre a compreensão da imagem mediante assuntos das disciplinas favorecendo o entendimento de conceitos que não são tão claros trazendo objetividade para essas discussões.

Portanto, a figura docente contribui abertamente na mediação dos assuntos da disciplina favorecendo a compreensão de conceitos que não são tão claros trazendo objetividade para essas discussões uma ferramenta pedagógica indispensável pois impacta diretamente nas habilidades adquiridas pelos alunos observação, análise, interpretação, síntese, criatividade dentre outras, professor de artes tem a responsabilidade de desenvolver atividades explorando a criação, imaginação e expressão dos estudantes, estudar a partir da imagem é ajudar o estudante a desenvolver sua própria relação com as imagens fortalecendo sua identidade cultural em formação.

Como observado, as imagens em contexto educativo, de acordo com Capel (2023), Fernandes (2023) e Machado (2023) “A primeira tarefa de um professor que lida com imagens é a de permitir o contato direto com a imagem. Esse contato inicial tem o objetivo de captar a percepção de quem vê a obra” (Capel et al, 2023, p. 11.), é um meio muito importante, pois ajudam na memorização e fixação de conteúdos, mas sua utilização e como estabelecer essa mediação, é função do professor apresentá-las e utilizá-las de maneira que os alunos entendem para formar aprendizagens abrangentes e dinâmica cada estudante tem sua pluralidade e relação própria com conteúdo estabelecidos, cada assunto de uma disciplina tão complexa carrega, praticamente toda roda de debate, aula ou conversação.

Durante uma aula, imagens da mídia podem ser pontos de partidas para um debate como: propagandas, memes e notícias jornalísticas, abrem a possibilidade de estimular reflexões sobre assuntos latentes ficando claro que imagens também permitem leituras críticas proporcional a análise que está sendo feita, ou seja, esse tipo de imagem age e forma opiniões e comportamentos.

Imagens são relevantes para inclusão e acessibilidade, pois desempenham um trabalho muito importante no aprendizado de alunos com necessidades especiais, principalmente estudantes com deficiência visual, já que existem variados graus de limitação visual, abrindo novas possibilidades para recursos multissensoriais nas aulas de artes.

Quando discutimos a formação docente em Artes visuais, além de pensarmos como vamos ministrar nossas aulas devemos levar sempre em consideração para quem vamos ministrar essas aulas, que escolas daremos nossas aulas, que faixa etária, apesar que a formação em licenciatura em artes visuais te assegura a dar aula para estudantes do ensino fundamental e médio ou seja jovens de onze a dezoito anos, essas questões abrem precedentes para outros assuntos relevantes principalmente sobre inclusão e acessibilidade para estudantes com necessidades especiais, minha limitação visual só foi considerada como deficiência visual em junho de 2021, por ter essa condição desde de pequeno a única visão que eu conheço é essa, mas não o único modos de ver, para os autores Pawlina (2023), Silva (2023) e Donato (2023):

É importante reconhecer o poder socializador da Arte na educação básica. Por meio das aulas de artes visuais, os alunos aprendem a se expressar e exibir suas produções, além de desenvolver a coletividade por meio das exposições e trabalhos em equipe e ampliar seus conhecimentos culturais essenciais para as relações sociais. Isso se amplifica quando trabalhamos as artes visuais no contexto da inclusão (PAWLINA et al, 2023, p.3).

Então como professor em formação tenho que pensar que terei estudantes que se enquadram como PCDS, assim como fui um estudante que tinha essa limitação, e na época não tinha nenhuma lei que assegurava direitos para quem tinha visão monocular, como futuro docente penso que meus alunos que tiverem visão monocular ou que se enquadrem como PCDS

estarão assegurados, por causa da formação, desejo do professor e criação de novas políticas a respeito desse tema, a responsabilidade como professor de artes visuais é acompanhar todos meus alunos na construção de aprendizagens e de conhecimentos. De acordo com Viera (2024):

No contexto educacional, os achados ressaltam a importância de adaptar currículos e ambientes de aprendizagem para atender às necessidades de estudantes com deficiência visual monocular. Isso pode incluir a formação de professores para reconhecer e apoiar esses alunos, bem como a integração de tecnologia assistiva nas salas de aula (VIEIRA, 2024, p.11).

Tendo em vista que inclusão e acessibilidade não é só encaixar esses estudantes na turma, inclusão e fazer o grupo e o professor entender o as demandas do aluno e assegurar sua participação em todas as tarefas em sala de aula. Porém para ministrar aulas de arte e acessibilidade e necessário mencionar algumas leis muito importantes. A primeira é a Lei nº 5.692. Como afirma Pawlina et al. (2023):

Fez reformas no ensino de 1º e 2º graus. Nessa lei, a Arte é denominada Educação Artística no currículo, com status de “atividade educativa”, não sendo considerada ainda uma disciplina. Ainda com vestígios do olhar tecnicista, o foco do ensino estava na mera reprodutividade e na ação do “fazer por fazer” (PAWLINA et al, 2023, p. 9).

Já a Lei de Diretrizes de base (LDB) instituiu a “Arte como uma disciplina, com o objetivo de formar culturalmente os estudantes” (Pawlina et al, 2023, p. 9), e com a instituição dessa Lei, em 1997 foram apresentados “os objetivos a serem alcançados nas aulas de Arte, incluindo o direito dos alunos às diferentes linguagens: teatro, dança, música e artes visuais.” (Pawlina et al, 2023, p. 9).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como afirma Pawlina et al. (2023) é um “Documento de caráter normativo criado no ano de 2018 e em vigor a partir do ano de 2020 de forma obrigatória em todas as escolas de educação básica do país, desde as escolas particulares às públicas, de educação do campo ou indígena, reconhece o papel da Arte”, (Pawlina et al, 2023, p.10).

No artigo “O ensino de Artes Visuais para estudantes cegos e com baixa visão: metodologias e estratégias de ensino” de Pawlina et al (2023). são apresentados sete trabalhos com temas relacionado a artes visuais para alunos com cegueira e baixa visão da autoria de Nogueira (2011); Álvarez (2003); Fávero (2017); Neto (2015); Cunha (2020); Oliveira (2014); Pedrozo (2011); Garcia (2012); Martins (2013); Costa (2009) todos os artigos trazem contribuições valiosas para a formação do professor de arte, a seguir destaco três.

O primeiro trabalho mencionado no artigo, de acordo “Lygia Clark – uma experiência de arte na vida de jovens cegos”, escrita por Nogueira (2011) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie. A autora utiliza as obras da artista modernista Lygia Clark para promover a expressão artística de jovens com cegueira a partir de uma visão merleauPontiana e tinha como principal objetivo analisar o impacto da arte e de que forma a participação em um ateliê escolar poderia mudar a percepção de mundo desses jovens.

A pesquisa se deu por meio de entrevistas, aplicação de questionário e estudos de caso. Os resultados indicam ter havido uma significativa crescente no desenvolvimento dos alunos com cegueira e videntes que participaram das experiências propostas no ateliê, ressignificando o lugar da arte (Nogueira *apud* Pawlina et al, 2023, p.14).

A segunda que mais me chamou atenção no texto de Pawlina et al (2023) é o texto intitulado “Desenho de deficiência visual: uma experiência no ensino de artes visuais na perspectiva da educação inclusiva”, escrito por Neto (2015), no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O pesquisador realizou atividades com alunos videntes e alunos com cegueira com o intuito de promover a ampliação do conhecimento de arte por meio de atividades que promovessem a inclusão e, ao mesmo tempo, proporcionassem aos estudantes uma aprendizagem na representação gráfica das experiências vividas.

Este estudo focou seu objeto no desenho e nós compreendemos que, quando lecionamos artes visuais, devemos abranger outras linguagens, como escultura, fotografia, cinema, gravura etc. Citei este autor pois o mesmo no final da sua fala ele diz que “não devemos centralizar nossas aulas em apenas uma linguagem e sim em múltiplas para construção e experimentação abrangentes das várias possibilidades de produção artística”, (Neto *apud* Pawlina et al., 2023, p.15).

Por fim, destaco a pesquisa de Pedrozo (2011) com sua dissertação “A formação da imagem mental e a representação gráfica de alunos cegos precoces e tardios”, defendida em 2011, na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), que nos faz perceber a necessidade de lutar pela inclusão e a importância da arte nesse processo. A autora traz o relato de diversas experiências feitas com alunos no Instituto Paranaense de Cegos, que tinham como objetivo auxiliar em contraturno escolar o desenvolvimento dos estudantes.

Com esta pesquisa, a autora aponta a importância do referencial imagético para que a criança consiga criar seu próprio repertório (Pedrozo *apud* Pawlina et al, 2023, p.16). A autora traz conhecimentos valiosos a respeito da formação de imagens mentais que é amplamente citado nessa pesquisa, ela traz como é importante a inclusão da arte em estudantes cegos, a relevância dessa pesquisa está na preocupação da autora em apresentar as referências imagéticas para os estudantes só assim eles conseguem criar seus próprios conhecimentos.

Todos os trabalhos são incríveis, mas destaquei esses por terem semelhanças com minhas vivências de como fui apresentado o mundo das artes durante a formação, são inúmeras experiências formativas durante a formação. Destaque o quanto é importante visitar galerias e exposições de arte, a relevância do desenho e a formação das imagens mentais em contexto de sala de aula, essas vivências trazem novas perspectivas a respeito do mundo da arte para os estudantes.

#### 4 VIVÊNCIAS COM BAIXA VISÃO, QUE IMPACTARAM DIRETAMENTE NA MINHA FORMAÇÃO

O ponto de partida desta pesquisa, intitulada “*Vivências de um Estudante com Baixa Visão em um Curso de Artes Visuais: a relevância das imagens na formação do Arte-Educador*”, é a minha própria condição visual. Tenho visão monocular, e ao longo do curso surgiram diversas inquietações: uma pessoa com limitação visual pode se tornar um bom professor de Artes e, conseqüentemente, um artista?

Esse trabalho é um relato autobiográfico sobre vivências e aprendizagens construídas no curso de artes visuais licenciatura que influenciaram diretamente na minha formação docente.

Antes de iniciar o curso, eu sabia que seguiria a carreira docente, ser professor de qual disciplina e área que foi o problema, foi difícil, mas descobrir que era artes visuais pela aproximação construída na educação básica, fundamental e médio, além de ter certeza que carreira seguir, comecei acreditar que minha visão não influenciaria na formação, nem quando fosse exercer a função, apesar que tudo sempre foi uma questão introspectiva, pensamentos como: esses olhos permitem eu ver coisas que ninguém ver, eu não vejo coisas que todo mundo ver, mesmo assim não pensei duas vezes antes de seguir a carreira visual, apesar de todos os comentários contrários.

O curso de Artes Visuais (Licenciatura) tem como principal objetivo a formação de professores. Em sua grade curricular, oferece disciplinas teóricas e práticas, justamente para proporcionar ao aluno uma formação completa no campo das Artes Visuais<sup>13</sup>. No entanto, o foco principal está nas disciplinas voltadas à educação.

Considero importante iniciar este capítulo mencionando as disciplinas que mais contribuíram para a execução da proposta de pesquisa. Naturalmente, trata-se de uma opinião pessoal, lembrando que a grade curricular pode sofrer pequenas alterações ao longo do tempo, como mudanças de nomenclatura, inclusão de novas matérias ou outros ajustes.

As disciplinas que considero mais relevantes foram: Fundamentos da Arte na Educação, Desenho, Estudos Críticos e Educação, Políticas Educacionais no Brasil, Pesquisa em Ensino

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://fav.ufg.br/p/artes-visuais-licenciatura> Acesso em 14/09/2025.

de Arte e Cultura Visual, Compreensão e Interpretação da Imagem. Cada uma delas despertou minha curiosidade de maneira ímpar, somando experiências e conhecimentos que se entrelaçaram ao longo do percurso acadêmico.

Vale ressaltar que a palavra “*vivência*” diz respeito às informações e aprendizados adquiridos a partir de experiências reais. Nesse sentido, as aulas foram muito importantes para o desenvolvimento tanto como professor e como artista visual ao longo da formação.

Sobretudo, eu precisaria de uma pesquisa explorando cada tema para relatar os acontecimentos mais marcantes da graduação. Separei, portanto, **três momentos que foram especialmente significativos** na minha formação.

Esses eventos foram os que realmente proporcionaram uma experiência completa, alinhada aos temas que estão na raiz desta pesquisa, todos eles foram vivências prolongadas, que não aconteceram em um único dia.

A visão limitada juntamente com a escuta foi constantemente acionada; estava imerso em um mundo imagético, tanto na criação quanto na reprodução de imagens. Essas experiências impactaram diretamente minha formação docente. **Os momentos mais marcantes foram:**

- **“Cá entre nós”**: ação, exposição coletiva idealizada pela professora Alice Fátima Martins, que aconteceu na galeria da Faculdade de Artes Visuais em julho de 2022;
- Entrada na **Iniciação Científica** com início das atividades no ano de 2023;
- Estágio **não obrigatório** no Departamento de Educação Infantil da Universidade Federal de Goiás em agosto de 2024.

### 3.3 CÁ ENTRE NÓS

Dentre tantas coisas positivas que vivenciei na graduação em artes visuais licenciatura, destaco os vínculos criados que são afetivos, empáticos, amigos, respeito e lealdade com pessoas que mostraram-se verdadeiras companhias, é importante destacar que uma vivência/experiência que tive e tocou-me pode não ter o mesmo valor para outras pessoas, dito isso “Cá entre nós” foi uma ação e exposição na galeria da faculdade de artes visuais iniciou em seis de julho a cinco de agosto de 2022, foi uma ocupação onde diversos grupos de pessoas como estudantes da FAV, estudantes de outros cursos, convidados, turmas da educação infantil fundamental e médio, transitaram naquele espaço por um mês, das manifestações que fizeram parte dessa trajetória tivemos objetos, gestos, marcas, rastros, sonoridades e vários tipos de

imagem, todos os dias o lugar recebia artefatos novos e foi só no fim que podemos ver o resultado final.

Vale ressaltar o contexto que a ação aconteceu para a imagem ficar mais clara, seis de julho de 2022, estávamos no começo da retomada as atividades presenciais na universidade depois da pandemia da COVID-19 que deixou várias cicatrizes em todos nós e na volta das atividades encontramos um “refúgio” para transformá-lo em um lugar nosso, um coletivo de pessoas compartilhando afetos e experiências.

A poética da solidariedade que está na fundação deste trabalho trata de que não existe antecipação, uma coisa pré-formada, dinâmicas e o público não tem funções designadas, no momento que adentrava o local óbvio sempre mantendo a ética, o respeito entre as pessoas você se tornava parte daquele lugar trazendo suas colaborações, o lugar foi concebido para ser imprevisível.

Segundo Soldera (2014), “Para chegar à imagem é preciso imaginar permitindo-se permear pelas lembranças” (Soldera, p.39, 2014), as lembranças da pandemia era evidente em alguns trabalhos presentes no espaço, a lembrança imagética que tenho dessa ação é de um lugar que todo dia sofria alterações, imagens que eram fixas era mutável pelas inúmeras atividades que aconteceram naquele espaço durante esse longo mês, destaque as rodas de costura e bordados, jogos de tabuleiro e a ampla utilização da paredes para desenhos, pinturas e colagens no qual participei ativamente.

Foto 1 - “Cá entre nós”, “polvo”.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

A importância e relevância dessa ação para minha formação, está justamente na aproximação que foi feita entre várias pessoas, a comunidade trabalhando em conjunto para a realização da ação, o fato de ter sido bem na volta da pandemia de COVID-19, precisávamos voltar unir as pessoas, estavam todas quebradas, foi importante as interações, trocas, partilha, encontros, diálogos, trocas, falas, sons e a produção artística naquele espaço, vale ressaltar que nessa época já tinha uma produção artística pré-desenvolvida, mas só consolidou no ‘Cá entre nós’, foi esclarecedor perceber que eu poderia ter uma produção artística autoral, e lá fiz meu primeiro “polvo” (foto 1), desenhos de animais marinhos que depois se tornaria minha assinatura, de acordo com Soldera (2014) “Se você pode ler criticamente uma imagem você também pode produzir alguma imagem”, (Soldera, 2014, p. 124).

A importância e relevância dessa ação para formação docente, está justamente na aproximação que foi feita entre várias pessoas, a comunidade trabalhando em conjunto para a realização da ação, o fato de ter sido bem na volta da pandemia de COVID 19 e um lugar criado para a experimentação, foi muito importante esse reencontro.

Tudo isso serviu para construir incontáveis diálogos ter uma experiência única e duradoura, porém não devemos cometer o erro de acreditar que a arte está centralizada em um tipo de atividade como desenho, pintura, gravura ou qualquer outra forma de produção artística segundo o autor Silva (2017), nada melhor que arte e suas centenas de possibilidades para aproximar pessoas:

Cultura Visual não deve estar centrada nos artistas ou em outros profissionais produtores de imagens. A Cultura Visual propõe que as atividades ligadas à Arte passem a ir além de pinturas e esculturas, incorporando publicidade, objetos de uso cotidiano, moda, arquitetura, videoclipes e tantas representações visuais quantas o homem é capaz de produzir. (SILVA, 2017, p.7).

Gostaria de destacar a força imagética que tinha aquele lugar, e não estou falando só das manifestações artísticas na parede, mas o lugar em si era uma imagem que transmutava todos os dias, cada rastro, uma pessoa que passou e deixou ali, sem aquele jeito tradicional da arte em galerias, as narrativas presentes ali se dialogavam com o lugar apesar de serem bem diferentes.

Quando penso em ver logo em seguida penso em memória, ver não é só no sentido biológico, captação de luz, ver está associado a interpretação de tudo aquilo que vemos, imagem mental parte daquilo que já foi visto, fotografado pelas as câmeras que são os olhos, a memória consiste em organizar coisas que vimos antes com o que estamos vendo hoje dando sentido as novas imagens, minha relação com essa ação e todas as atividades realizadas nela foi uma nova oportunidade para dar sentido as novas imagens que presenciei.

Vale ressaltar o comprometimento que a Professora Alice Fátima Martins teve com seu projeto, mostrando uma nova perspectiva sobre arte a poética da solidariedade.

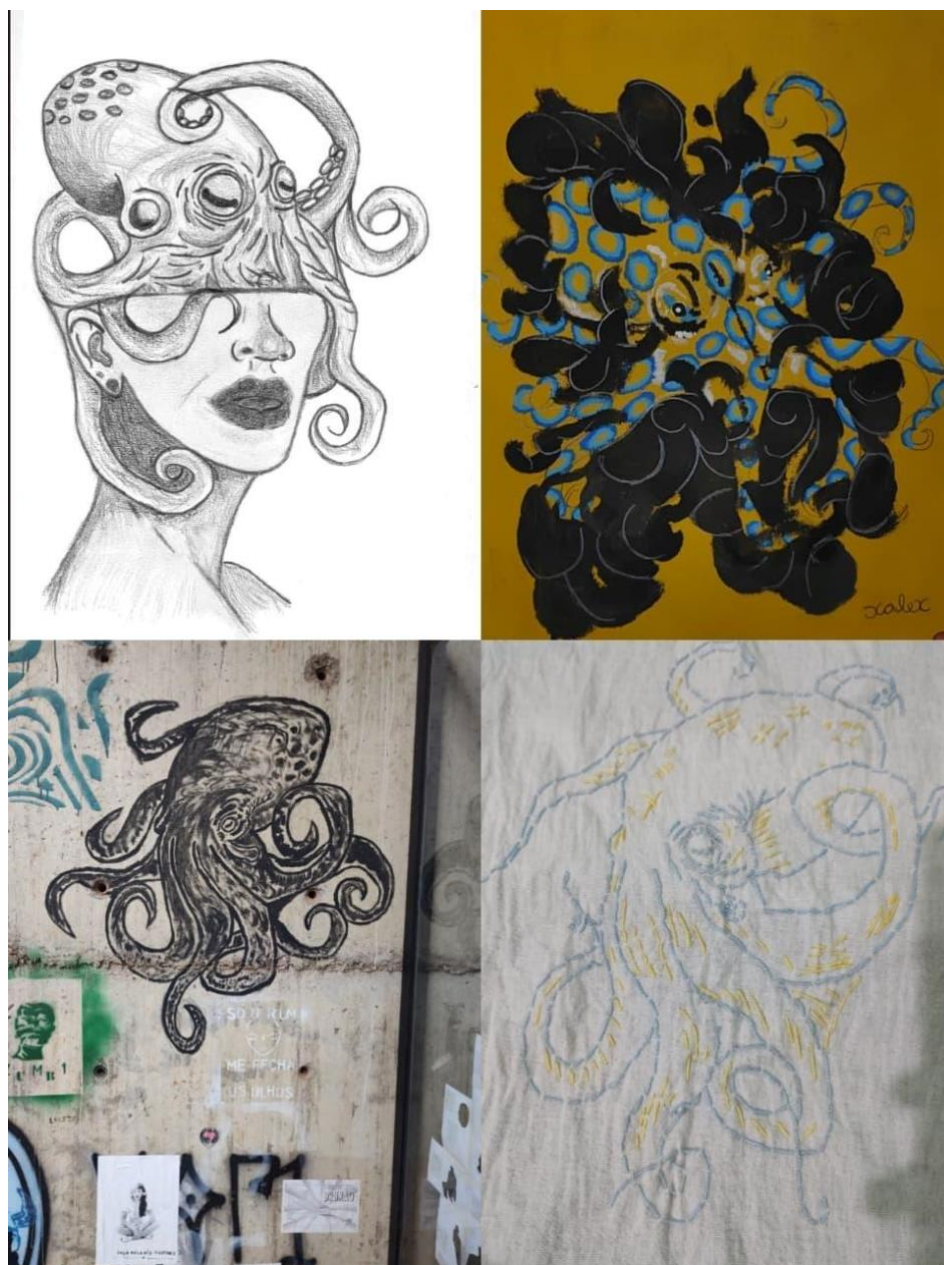
No encerramento dos trabalhos, em diálogo com crianças de uma escola da rede pública municipal, uma estudante analisou as diferenças entre o que ela encontrou ali e as exposições de arte em geral às quais ela já tinha assistido. Ela observou que as exposições, em geral, têm paredes brancas, ou superfícies de uma cor só, onde os quadros ficam expostos, em espaços pelos quais as pessoas caminham, observando, sem tocar. Os quadros sempre estão dentro de molduras. Ali, as paredes não eram brancas: já estavam cobertas por uma imensidão de desenhos, pinturas, palavras, textos... quem quisesse poderia, ainda, continuar agregando os seus próprios textos-desenhos-pinturas. Todos podiam desenhar na parede! Além disso, nenhum trabalho estava dentro de uma moldura. Não havia molduras (MARTINS, 2023).

De todos os três eventos que marcaram minha formação que irei apresentar nesse capítulo o Cá entre nós foi o que menos a visão monocular me incomodou, por estar num espaço que a escuta, tato, diálogos, trocas eram muito fortes acabou ficando em segundo plano.

O principal motivo desse trabalho não é tratar a baixa visão como algo negativo e sim estabelecer que existe outras formas de ver o mundo e se manter em um mundo imagético visual com essa excepcionalidade, depois de quatro semanas de ação e ocupação da galeria da FAV terminou, tudo foi desmontado e as paredes foram revitalizadas para as próximas exposições.

O Cá entre nós, foi tão importante que depois dessa vivência foi questão de tempo encontrar caminhos para produzir artisticamente, o curso de Artes Visuais Licenciatura forma profissionais para atuar como docentes de artes, porém existem matérias práticas que abrem portas para a construção da produção artística individual, é necessário buscar mais conhecimento fora do próprio curso já que as disciplinas práticas são pontos de partidas, graças a esses pontos deparei com o que queria produzir, chamo de Arte Animal, representações de animais fazendo críticas sociais ou só por pura contemplação, nem todos os trabalhos carregam significados tão complexos.

Foto 2 – Produções Artísticas I



Fonte: Arquivo pessoal (2019-2025).

Foto 3 – Produções Artísticas II



Fonte: Arquivo pessoal (2019-2025).

Outro trabalho que desenvolvi nessa formação docente é a personalização de peças de roupas, um dos motivos de querer discutir imagens nessa pesquisa é justamente acreditar que roupas são imagens, eu transmito essas imagens para o mundo, sempre gostei da ideia de não limitar obras de artes somente em galerias ou exposições, vestir suas obras também é interessante.

Foto 4 – Estampas



Fonte: Arquivo pessoal (2019-2025).

Roupas constroem significados são uma linguagem visual, com base nas vivências durante a graduação devido ao grande bombardeamento de imagens, influenciou na minha identidade visual e na minha construção como artista, principalmente nesses trabalhos com estampas e na própria forma de me vestir.

Foto 5 – Identidade Visual



Fonte: Arquivo pessoal (2019-2025).

De acordo Manguel (2001), “Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico” (Manguel, 2001, p. 28).

## 4.2 INICIAÇÃO “ESCUTA” E A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA ARTÍSTICA NA FORMAÇÃO

A Iniciação científica que nesse capítulo chamarei de iniciação “escuta” foi outro momento ímpar na minha formação docente, mas o que seria uma iniciação científica? O programa de iniciação à pesquisa científica, tecnológica e em inovação (PIP) tem o propósito de desenvolver, nos(as) estudantes de graduação, ensino médio e fundamental, habilidades técnicas, científicas e de produção intelectual, por meio da atuação destes em atividades de pesquisa, científica, tecnológica, artístico-cultural e de inovação, buscando contribuir para o aprimoramento da formação profissional dos participantes de todas as áreas do conhecimento, bem como estimular a integração dos vários níveis formativos. (Com informações do site da prpi.ufg.br).

O convite para a participação se deu em outubro de 2022, pela professora Alice Fátima Martins como orientadora, Renato Naves Prado como coorientador estudante da pós-graduação e a participação de um estudante de ensino médio da rede pública de educação.

Antes de iniciar a pesquisa, vale ressaltar os motivos principais que me levaram até essa pesquisa. Primeiro foi graças as reverberações e inquietações que tive diante o Cá entre nós tanto que o intervalo de tempo foi bem pouco entre os dois projetos, tive vontade de me aprofundar em temas específicos sobre a construção de aprendizagens no meu curso tanto que o nome da pesquisa é “Audiovisual e construção de Aprendizagens no curso de Licenciatura em Artes Visuais”, mas que aprendizagens?

Embora nosso curso visa a formação de docentes em artes visuais, uma coisa que me chamou atenção desde do primeiro semestre são as poucas disciplinas práticas, não é uma crítica à instituição ou ao currículo e sim observações pontuais tanto que a pesquisa teve entrevistas com discentes regularmente matriculados no curso para ajudar a chegar nas conclusões finais, nesse momento da graduação já me sentia confortável de falar da minha baixa visão para

peessoas próximas de mim, apesar desse trabalho não citar nenhum momento sobre isso, já estava claro pra mim e para pessoas juntas a mim essa questão.

A pesquisa se empenhou em pesquisar pontos chaves como, articular a linguagem audiovisual na pesquisa, investigar a produção de conhecimento e a construção de aprendizagens dentro de uma disciplina do curso que estava matriculado, com a produção de vídeo relatos investigando a construção de aprendizagens na disciplina selecionada, ficou bem claro a importância da escuta nessa pesquisa pois escutei diversos estudantes matriculados nessa disciplina e em outras disciplinas práticas.

Perguntamos sobre os fatores negativos e positivos que influenciam no processo de criação artística? Através desses relatos analisamos o relacionamento entre estudantes e práticas artísticas em disciplinas não teóricas, tudo foi documentado em forma de audiovisual.

Vivemos em um mundo tecnológico onde cada dia que passa estamos mais conectados com várias ferramentas tecnológicas, e como estudante de artes é bom estar atento às várias possibilidades de pesquisa, a linguagem audiovisual aparece como uma boa ferramenta pedagógica, a pesquisa precisava contemplar essa área, então o primeiro desafio foi articular uma pesquisa junto a linguagem audiovisual, e as perguntas sem resposta que o Cá entre nós deixou achei esse tema, lembra que um dos objetivos do Cá entre nós era a troca a conversa, escutando várias reclamações dos discentes de artes visuais licenciatura durante o tempo que fiquei na monitoria do projeto, os estudantes tinha uma inquietação em comum, a baixa produção artística no curso de Licenciatura em artes visuais, apontaram as muitas disciplinas teóricas e até que as disciplinas práticas tem uma grande demanda teórica. No meio dessas reclamações conectei a pesquisa audiovisual com essa “frustração”.

A disciplina escolhida foi laboratório de produção artística dois, ministrada pela a professora Noeli Batista dos Santos no primeiro semestre de 2023, uma disciplina prática, já que o tema discutia produção artística nada mais justo que uma disciplina prática de produção, diante das vivências na disciplina e com a realização do trabalho final que passou por um processo individuais e depois uma ação em conjunto, cheguei à conclusão que cada estudante tem uma afinidade maior com um tipo de produção seja desenho, pintura, cerâmica.

Cada um tem seu próprio tempo, seu próprio percurso de aprendizagens e a produção artística inclui uma demanda de fatores, exemplo um estudante que pega quatro ônibus para ir e voltar para faculdade, trabalha depois da aula, ele não vai ter o mesmo tempo para se dedicar a produção artística própria, já o estudante que não pega ônibus e mora perto da faculdade tem

mais tempo para se relacionar com a produção, nem todos os estudantes da licenciatura em artes visuais se consideram artistas pois não tem tempo para aprofundar nessa questão.

A construção do material audiovisual foi elaborada em que chamamos de “atos” nesses atos temas centrais como contextualização, problematização e motivação sobre o conteúdo pesquisado, baseado em duas perguntas chaves que fiz para os estudantes da disciplina que estava observando e de outras disciplinas práticas “Na sua opinião, quais fatores influenciam no processo de criação artística dos estudantes de artes visuais licenciatura? Você concorda que o próprio curso tira a vontade dos estudantes em produzir algo?”

Ao todo sete graduandos do curso de artes visuais licenciatura com matrículas ativas de períodos diferentes responderam, a primeira pergunta deixei claro para apontarem fatores seja eles positivos ou negativos que impactam na criação e desenvolvimento artístico nas disciplinas do currículo, na segunda pergunta, uma pergunta mais incisiva se os discentes aprova que a própria graduação subtraia a vontade de criar uma produção artística, as respostas seguiram um padrão que não é o curso que gera desmotivação dos discentes para produzir e sim como a grade curricular está montada cheias de disciplinas teóricas e demanda mais tempo a realização dessas atividades e não sobra nem tempo para fazer as atividades das próprias disciplinas práticas, são aulas práticas e não recreativas.

O foco dessa parte do capítulo não é fazer denúncia nem nada do tipo é só destacar alguns problemas que impactam diretamente na formação docente pois além de professores alguns estudantes também são artistas.

Resgatando a visão e imagem, essa pesquisa se destacou sobretudo a utilização de ferramentas audiovisuais e imagens, oportunidade essa de debater um tema que é muito recorrente na graduação em artes visuais, a experiência imagética foi riquíssima, quando aconteceu as coletas dos áudios e montei o vídeo final<sup>14</sup>, percebi que essa pesquisa se tratou sobre uma trindade, os olhos veem, os ouvidos escutam e a partir dessa experiências imagens são geradas, já que todas as partes da pesquisa teve esses elementos em conjunto.

As imagens mentais geradas pelo ver (olhos) imagens analógicas câmera (máquina) são igualmente relevantes, na conclusão desse trabalho destaco as disciplinas práticas e a produção

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QNLinwsSLzU>. Acesso em 15/10/2025.

artística tem a sua relevância junto com as disciplinas teóricas para a formação docente, escutar cada discente e seus pontos de vistas, fez chegar a resultados satisfatórios.

Figura 2 - Capa e tema da Iniciação Científica



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

#### 4.3 ARTE E PEDAGOGIA RELATOS DO ESTÁGIO

Caminhando para conclusão do curso me deparei com outra oportunidade para enriquecer ainda mais a formação docente, de acordo com Cabral (2018):

O ensino de arte e seus atores não podem ignorar experiências educativas que envolvem arte e imagem com o objetivo de pensar/agir, nesse caso, sobre temáticas como deslocamentos e transformações. Tornam-se necessárias discussões que ajudem os/as professores de artes visuais a compreenderem as imagens como instrumentos de identificação e representação social, cultural, profissional, pessoal e pedagógica (CABRAL, 2018, p.1046).

Depois de tantas vivências achei que era hora de explorar um caminho não tão distante da minha formação, que foi a possibilidade de trabalhar com educação infantil, já no início entendi que artes e pedagogia caminham de mãos dadas, a experiência de ensinar arte para crianças da educação infantil contribui significativamente, pois tive percepções relevantes, a prática artística precede alfabetização e matemática, arte nessa fase do desenvolvimento é potente, ficou nítido o quanto arte é uma linguagem necessária para a educação infantil.

Das minhas funções na instituição, estou juntos com elas todos os dias participando de atividades semanais, estando em encontros de planejamento, avaliação e formação continuada, auxiliando na elaboração de projetos, participação junto com as professoras das ações do projeto de ensino práticas pedagógicas na educação infantil, elaborar e auxiliar as professoras com atividades referente ao curso de origem “artes visuais” e participação em todas as atividades coletivas e de grupo.

Destacando a elaboração de atividades referente ao meu curso, tive a seguinte percepção, o quanto é essencial pessoas que estudam artes nesse cenário, pois o estudo de artes na primeira infância ajuda diretamente no desenvolvimento cognitivo, crítico visual e questões de raciocínio lógico através de atividades como o desenho, pintura, colagem, noções tridimensionais etc, atividades artísticas constrói efetivamente uma ponte entre interações sociais entre elas ajudando a desenvolver a fala e escuta sem falar que o manuseamento de pincéis, lápis, giz ajuda na coordenação motora, criatividade e imaginação. A criança também tem que entender e aprender a lidar com as frustrações, às vezes imaginar algo e não sair como planejado, faz a criança se desenvolver emocionalmente com autoestima e empatia, sem falar que a criança é exposta a várias experiências culturais desde cedo, tudo isso são frutos do bom diálogo que arte e educação infantil tem.

A forma que uma criança lida com imagens é completamente diferente de um jovem ou adulto, enquanto a criança enxerga coisas mais concretas e criativas, principalmente pelo fator cores, um jovem ou adulto tem uma visão mais abstrata olhando primeiramente o contexto que a imagem está inserida, as percepções das crianças são mais sensoriais e jovens e adultos tem uma visão mais crítica.

Sobre o desenvolvimento cultural das crianças, é de grande importância apresentar sempre materiais e atividades novas para elas, um dos projetos que fui convidado a participar, foi um trabalho em conjunto para apresentar em um simpósio, um tema fruto da ligação entre arte e pedagogia, explorando novas formas imagéticas no contexto que as crianças não estão acostumadas, e o lugar escolhido foi o EXPOLAB e a galeria da faculdade de artes visuais (FAV) o seguinte trabalho, se chamou “Experiência Estética na Educação Infantil: Apreciação em uma Exposição Artística na Galeria de Arte” juntamente com a professora Rafaela Moraes Ramos e o professor José Arnaldo Pereira ambos professores efetivos no departamento de educação infantil da Universidade Federal de Goiás.

Durante esse estágio nesta instituição, foi possível inferir que a arte tem um papel muito importante na formação cultural, diria até essencial para a construção de aprendizagens e desenvolvimento cognitivo na primeira infância.

Os objetivos deste trabalho foi a inserção das crianças de cinco e seis anos em ambientes esteticamente ocupados como exposições de arte, para além do ver, ajudar no desenvolvimento da sensibilidade artística da criança e ampliar sua percepção sobre as diversas técnicas artísticas apresentadas, ampliando sua capacidade sobretudo cognitivas, aproximar elas de uma visão mais humanizada sobre o mundo, apresentando temas que se caracteriza pela as diversas expressões culturais da sociedade feita por diferentes artistas, reforçando desde a primeira infância a importância da formação de crianças criativas e sensíveis.

O método foi dividido para contemplar três pontos principais : o primeiro ver, apreciar, olhar as obras na exposição, conversar com as crianças sobre os trabalhos, gerar perguntas, fazendo as crianças terem momentos reflexivos sobre aquilo que está olhando e fazer desenhos sobre o que elas viram na exposição, é perceptível que essa pesquisa contempla áreas como ver, olhar, imaginar, memória e imagem, esse conjunto de exercícios provoca uma reflexão profunda, sensível e reflexiva entre a criança e o espaço de apreciação estética.

Foto 6 - Na galeria



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Foto 7 - Apresentação no Congresso de Arte e Educação Infantil, “Experiência Estética na Educação Infantil: Apreciação de Exposição Artística da Galeria de Arte”.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Logo entendo que esse trabalho entende a relevância da apreciação da arte na educação infantil, contemplando várias áreas do desenvolvimento da criança, e trazendo uma perspectiva

positiva reafirmando o acesso das crianças a arte e cultura como pontos indispensáveis na educação infantil.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Vivências de um estudante com Visão Monocular em um Curso Visual: relevância das “imagens” na formação do Arte Educador” se trata de uma pesquisa autobiográfica que busca discutir como as experiências dentro e fora de sala de aula contribuem para a formação docente de um estudante com visão monocular em um curso visual, considerando um fator não inédito e sim desafiador.

Se caracterizando por uma pesquisa autobiográfica, abordando momentos centrais que impactaram diretamente a minha formação docente, este trabalho traz a perspectiva da visão monocular e como essa limitação visual nunca de fato foi um problema, porém, uma nova forma de transver vivências encontrando novos significados, investigando e abordando como a formação em Licenciatura em Artes Visuais é muito maior que só sobre o ato de ver/enxergar.

Enquanto aos objetivos do trabalho, o primeiro era apresentar e informar detalhes sobre questões relativas ao ato de enxergar biologicamente, como funciona a captação de imagens pelos olhos e a formação de imagens, o estudo aborda também a visão monocular, suas diferenças da visão binocular e suas complexidades, todavia o objetivo foi alcançado em estabelecer que existe diferenças significativas entre visão binocular e monocular, mas o arte educador em formação não deve se apegar as limitações visuais e sim explorar novas formas para transver o mundo.

O segundo objetivo, busca apresentar a imagem como artefato pedagógico relevante tanto na formação docente, quanto ferramenta pedagógica indispensável em aulas de artes visuais, sucedeu que existem vários tipos de imagens, várias maneiras de analisar e interpretar, também são usadas em diversos lugares da sociedade, compreender seus significados é estabelecer relações entre indivíduo e objeto destacando minha própria experiência tendo visão monocular.

Desta forma, a pesquisa possibilita o entendimento mais claro sobre essas relações principalmente que uma imagem pode apresentar tantos significados e por este motivo é necessário está atento aos detalhes, contexto e dinamicidade que cada imagem está inserida.

O último objetivo trata-se em destacar vivências que impactaram bastante na formação docente com a baixa visão, apresentando três momentos em que a relação arte e docência ficaram bem evidentes. Analisar esses três momentos foi fácil, porque todos foram marcantes, construídos através da pesquisa e o meu esforço tendo limitação visual.

Duas experiências inclusive, apresentei em eventos universitários contribuindo na construção de aprendizagens através da pesquisa, já o terceiro momento foi mais centrado na poética da solidariedade, sem antecipações, construímos todos juntos na hora. Apesar dos desafios com a minha visão, os resultados pois permitiu analisar o que forma um professor de artes visuais não é só os conteúdos estudados em sala de aula e sim as vivências, desafios, limitações e todo contexto que a Universidade oferece, fazendo uma análise de toda minha trajetória passando pela Iniciação Científica e o estágio não-obrigatório que complementaram a minha formação.

Embora eu reconheça que existiu outras experiências que também foram relevantes, nenhuma delas teve tanto peso como essas três, talvez sua importância também esteja no fator tempo, já que duas duraram mais de um ano, outra durou um mês, mesmo parecendo bem mais. Não faria sentido escrever sobre cada experiência, teria sido uma pesquisa mais densa, sendo que o meu principal objetivo é responder ao questionamento que me motivou dissertar sobre o quanto a visão monocular impacta na formação do arte educador.

É possível afirmar que, de fato, o processo de formação docente em Licenciatura em Artes Visuais por mais que esteja no nome “visuais” visão é só mais uma das múltiplas dimensões sensoriais que existe, visão monocular pode gerar desconfianças por ser uma deficiência visual em uma carreira visual, porém, é necessário considerar as dificuldades e as potencialidades que o modo diferente de ver pode impactar na prática docente.

Os desafios decorrentes que visão monocular implica não anula a prática docente. É necessário sim criar adaptações pedagógicas, arte em toda sua complexidade não se reduz a visão somente, vivenciar esse modo de ver que entra em conflito com a visão “normal” abre espaços para um docente preocupado com as questões sobre inclusão e colocar a arte num espaço multissensorial. Entretanto, sinto-me satisfeito com as respostas obtidas neste estudo e com as possíveis contribuições que ele tem a oferecer não somente para a minha formação, mas a de outras pessoas também.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. E. de. Mapeando a polissemia da imagem: coisa, forma e evento enquanto modos de significação da plasticidade e da grafia. In: VACCARI, U. R. (org.). **Arte & Estética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 145-166. DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-004-7.p145-166>

BARROS, Manoel de. **Livro sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CABRAL, Valéria Fabiane B. F. Processos investigativos para compreender ‘como as imagens funcionam’ em nosso campo de atividade docente. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual – Fabricações e Acidentes Visuais, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 1038-1048. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LC\\_VALERIA\\_CABRAL\\_IISIPACV2018.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LC_VALERIA_CABRAL_IISIPACV2018.pdf). Acesso em: 30 out. 2025.

CAPEL, Heloisa; FERNANDES, Gabriel; MACHADO, Tiago. Interpretar imagens: desafios para o(a) professor(a). Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). Goiânia: Cegraf UFG, 2023. Ebook. ISBN 978-85-495-0659-7. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Interpretar\\_imagens\\_-\\_Desafio\\_para\\_o%28a%29\\_Professora%28a%29.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Interpretar_imagens_-_Desafio_para_o%28a%29_Professora%28a%29.pdf). Acesso em: 30 out. 2025.

DA COSTA, Robson Xavier; DE SOUZA, Maria das Graças Leite. ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS NO INSTITUTO DOS CEGOS DA PARAÍBA ADALGISA CUNHA. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 45–57, 2016. DOI: 10.5965/198431781212016045. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/7726>. Acesso em: 30 out. 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012. DOI: 10.1590/S1413-24782012000300002.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINE, Joly. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

MARTINS, Alice Fátima. **Cá entre nós** [livro eletrônico]. 1. ed. Goiânia: Galeria da FAV/UFG, 2023. PDF. ISBN 978-65-00-68818-4.

MITCHELL, W. J. T. **O que as imagens realmente querem?** Tradução de Marianna Poyares. In: *ALLOA*, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 165-190.

PAWLINA, Rafael Guilherme; SILVA, João Henrique da; DONATO, Sueli Pereira. **O ensino de Artes Visuais para estudantes cegos e com baixa visão: metodologias e estratégias de ensino.** *Quaestio: Revista de Estudos em Educação*, Sorocaba, v. 25, p. 1-27, e023033, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2023v25id5065>.

ROCHA, R. C. B.; BONFIM, L. M. G. A. Ensino das Artes Visuais para pessoas cegas ou com baixa visão a partir das obras de Lygia Clark. *Cadernos Intersaberes*, Curitiba, v. 10, n. 24, p. 27-36, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1704>. Acesso em: 30 out. 2025.

SENA, Joelma Hemenegilda. **Artes visuais no contexto da deficiência visual: inquietações provocadas por estágio na educação especial.** In: **29º CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL; 7. CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE/EDUCADORES: NORTES DA RESISTÊNCIA: LUGARES E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NO BRASIL**, 2019, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/235e47a1-2b01-4b64-b46e-9d8d6d95b431>. Acesso em: 30 out. 2025.

SILVA, Dolíris Dutra da; SILVA, Vanessa Tavares da. O olhar e o fazer: possíveis construções e reflexões em sala de aula tendo como ponto de partida as imagens (artísticas e cotidianas) e as experiências. 2017. 40 f. Artigo (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE) — Secretaria de Estado da Educação do Paraná / Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Sertanópolis, 2008.

SINÃNI, Marília Cláudia Favreto; CALVES, Kimberly Weiss; PAES, Paulo Cesar Duarte. O ensino de artes visuais para pessoas com deficiência visual ou cegueira. *Horizontes - Revista de Educação*, [S.l.], v. 9, n. 16, p. 1–11, 2020. DOI: 10.30612/hre.v9i16.13119. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/horizontes/article/view/13119>. Acesso em: 30 out. 2025.

SOLDERA, Dânia. Fotografia: conversa com imagens, entre a luz e as trevas. 2014. 138 f. **Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual)** - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: [Fotografia: conversa com imagens, entre a luz as trevas](#). Acesso em 30 out. 2025.

VICENTE, Tânia Aparecida de Souza. Metodologia da análise de imagens. *Revista Contracampo*, [S.l.], v. 0, n. 4, nov. 2008. DOI: 10.22409/contracampo.v0i04.422. Disponível em: [\(PDF\) Metodologia da análise de imagens](#). Acesso em: 30 out. 2025.

VIEIRA, M. A. O. Desafios e adaptações: vivendo com visão monocular. *RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, São Paulo, Ano IV, v. 1, n. 1, p. 1–14, jan./jul. 2024. Disponível em: <https://ojs.saber.uniesp.edu.br/index.php/RCMOS/article/view/>. Acesso em: 30 out. 2025.